

UM OLHAR PARA AS ESTRUTURAS DE ASSENTAMENTO JÊ NO PLANALTO CATARINENSE A PESQUISA DE 2017¹

Pedro Ignácio Schmitz²

Raul V. Novasco³

Jairo Henrique Rogge⁴

Suliano Ferrasso⁵

Marcus Vinicius Beber⁶

Recebido em 05.12.2017; Aceito 09.12.2017.

Resumo

O texto relata quais foram os trabalhos e os resultados da expedição arqueológica de janeiro de 2017 a Boa Parada, no município de São José do Cerrito, no planalto de Santa Catarina. O interesse estava em compreender melhor a ocupação das casas e do assentamento formado por elas. O resultado foi muito satisfatório.

Palavras-chave: estruturas de assentamento, populações Jê, Planalto de Santa Catarina.

Abstract

The paper gives an account of the proceedings and results of the archaeological expedition made January 2017 to Boa Parada, municipality São José do Cerrito, highlands of Santa Catarina state. The concern was about a better understanding of the house occupation and the settlement formation. The results are very satisfactory.

Key-words: settlement structures, Jê Indians, Santa Catarina Highlands.

1. Situação da pesquisa em São José do Cerrito em janeiro de 2017

Nos oito anos anteriores a esta expedição foram realizadas pesquisas em três comunidades do município: Boa Parada, Rincão dos Albinos e Santo Antônio dos Pinhos, com o que foi possível estabelecer a cronologia da ocupação: um sítio de acampamento, ainda só, datado de 640 anos a.C., na comunidade de Boa Parada, junto à sede do município (Schmitz *et al.*, 2010); um conjunto de 107 casas subterrâneas, datadas do século VI ao X d.C., representando acampamentos repetidos, na comunidade de Rincão dos Albinos, a 15 km da sede (Schmitz, P.I.; Rogge, J.H., 2011; Novasco, 2013; Schmitz *et al.*, 2013a; Novasco, R.V.; Schmitz, P.I., 2016); e numerosas casas subterrâneas acompanhadas de aterros-plataforma ou de 'danceiro', datados do século XI ao século XVII d.C., na comunidade de Boa Parada (Novasco, R.V.; Schmitz, P.I., 2011; Schmitz *et al.*, 2010, 2013b, 2016a) e na comunidade de Santo Antônio dos Pinhos, esta distando 19 km da sede (Schmitz *et al.*, 2016b). (Ver Figura 1)

1 Colaboraram no trabalho: Vagner Perondi, Márcio de Mattos Rodrigues, José Afonso de Vargas, Jefferson A. Nunes, Ranieri Rathke.

2 Unisinos, professor, pesquisador sênior do CNPq, e-mail: anchietano@unisinos.br.

3 Unisinos, doutorando, bolsista do CNPq, e-mail: raulnovasco@gmail.com.

4 Unisinos, professor, pesquisador do CNPq, e-mail: rogge@unisinos.br.

5 Unisinos, mestrando, e-mail: suliano.ferrasso@gmail.com.

6 Unisinos, professor/pesquisador, e-mail: mvbeber@gmail.com.

Além de trabalhos específicos, existem alguns apanhados gerais: Beber, 2013; Schmitz (coord.), 2014; Mergen, 2016; Schwambach, 2016).

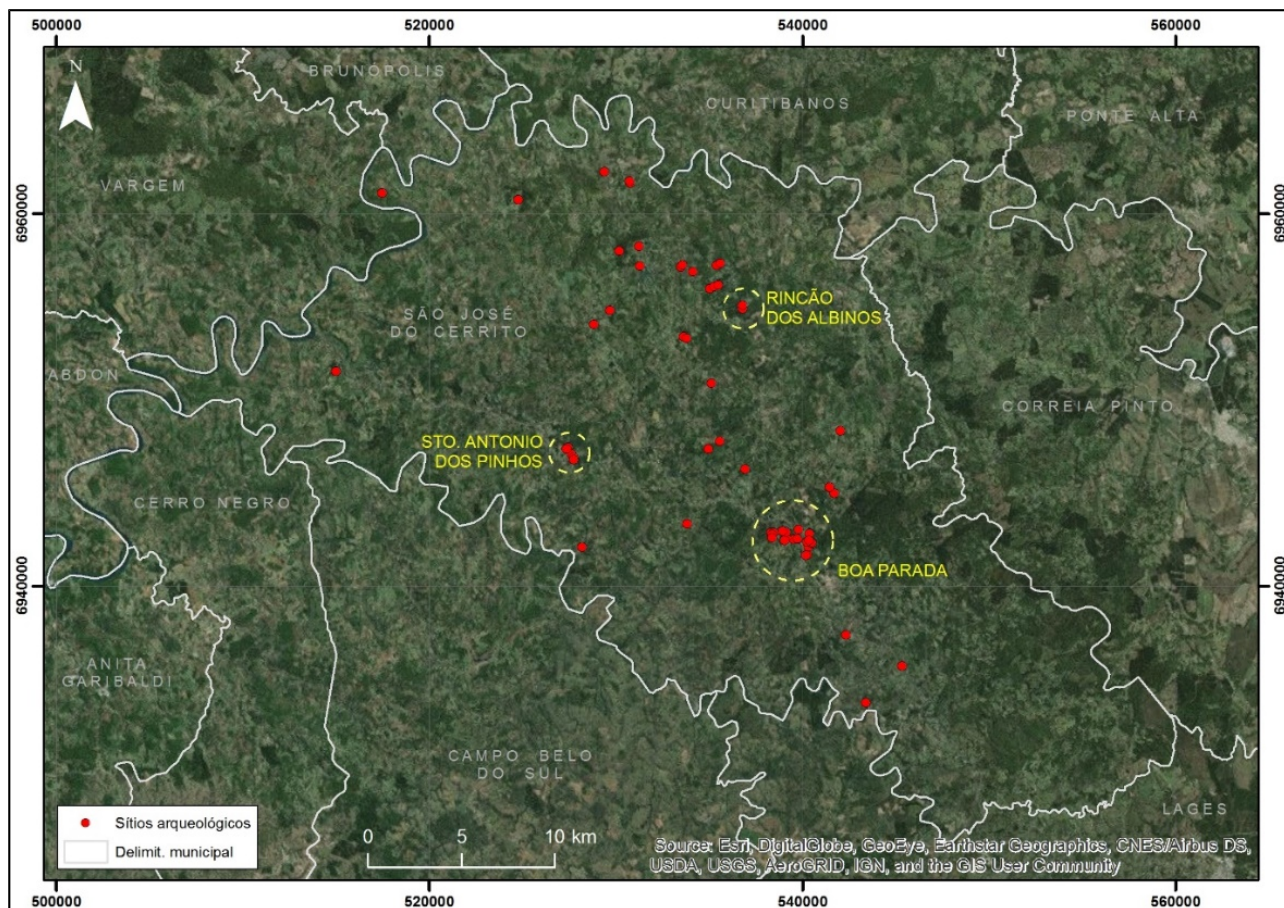


Figura 1. Localização das áreas trabalhadas em São José do Cerrito durante os nove anos do projeto.

Também foi possível estabelecer as estruturas desses assentamentos.

O sítio mais antigo, do primeiro milênio a.C., é um assentamento a céu aberto, com várias estruturas de fogo, compostas por seixos e pequenos blocos, conservando bastante carvão e alguns artefatos líticos simples. São os vestígios das pequenas choupanas em que teriam vivido. Parte dessas estruturas foi posteriormente coberta pelo aterro alto de uma casa subterrânea geminada (número 4/5 do sítio SC-CL-43), que as preservou. Os acampados ainda não usavam recipientes cerâmicos. As funções normalmente exercidas pela cerâmica teriam sido preenchidas por cestos de trama densa, que podiam ainda ser impermeabilizados com cera ou resina para transportar água e guardar outros líquidos (Schmitz *et al.*, 2010). Em meados do século XX, os Xokleng, considerados seus descendentes e diversas outras etnias caçadoras e coletoras do planalto brasileiro ainda usavam esta técnica (Ribeiro, 1986). A moldagem de cerâmica em cestos, por deixar marcas específicas na superfície, possibilita estudar a cestaria desaparecida.

O assentamento pode ser tomado como amostra dos acampamentos do primeiro período de ocupação do planalto meridional, durante o qual, em pequenos grupos organizados em tribos, se teriam deslocado pelos campos de altura, ainda sem bosques de araucária, em busca do necessário alimento cotidiano. Para o período se desconhecem casas subterrâneas, 'danceiros' e aterros-plataforma. Vai passar um milênio até encontrarmos a sequência do povoamento, com a criação das primeiras casas subterrâneas.

Estas aparecem na comunidade de Rincão dos Albinos, num assentamento com numerosas pequenas casas subterrâneas, densamente agrupadas, até sobrepostas, cada uma ocupada mais de uma vez (Schmitz *et al.*, 2013a). O sítio representa o segundo período de ocupação do planalto, que vai do século VI ao X de nossa era. Como no período anterior, ainda não utilizavam cerâmica. Ao lado de simples artefatos lascados aparecem também instrumentos polidos, representados especialmente por mãos-de-pilão. O denso agrupamento de casas subterrâneas pode ser entendido como a repetição de acampamentos das tribos para colher a semente da *Araucaria angustifolia*, no fim do verão e durante o outono, num pioneiro bosque de pinheiros. A mão-de-pilão é importante no tratamento do pinhão. O pinheiro, para este período, ainda não se tinha espalhado pelo planalto, só aparecendo em bosques isolados, como o deste lugar e o de Taió (Schmitz *et al.*, 2009), o que explica a repetição dos acampamentos e a concentração de suas estruturas nesses dois locais. Como a atividade de coleta podia ser estendida por vários meses e reunir os elementos das tribos, o acampamento duraria mais tempo e justificava a construção de choupanas com piso rebaixado, que ofereciam melhor abrigo para a estação que se tornava progressivamente mais fria, chuvosa e úmida até entrar no inverno. Apesar de choupanas mais abrigadas, muitas atividades ainda se realizavam ao ar livre, na periferia das habitações, onde se encontram as maiores estruturas de fogo. Grande parte de seus instrumentos líticos são simples, produzidos em matéria prima local, mas diversos instrumentos polidos, feitos com matéria-prima exógena, testemunham seus deslocamentos por outros lugares. A casa subterrânea indica uma parada estacional maior, mas ainda se desconhecem 'danceiros' e aterros-plataforma.

Para o século XI os geógrafos e palinólogos indicam uma rápida expansão da Araucária, que se tornaria mais comum e densa nos campos de altura em razão de melhora climática (Bauermann; Behling, 2009; Iriarte; Behling, 2007; Novasco, 2013; Mergen, 2016). Este avanço, e nova onda no século XII, vêm acompanhados da expansão e consolidação do povoamento com casas subterrâneas, que marcam o terceiro período de ocupação, que vai do século XI ao século XVII. (Figura 2)



Figura 2. Paisagem com *Araucaria angustifolia*.

A amostra mais bem estudada para o período, no planalto de Santa Catarina, encontra-se na comunidade de Boa Parada, junto à sede do município. Ali, numa superfície menor que um quilômetro de diâmetro, existem 19 sítios arqueológicos, somando mais de 50 casas subterrâneas, quatro aterros-plataforma e um 'danceiro', este com quatro 'estruturas anelares'. Estas são as novas estruturas construídas (Schmitz *et al.*, 2010, 2013b, 2016a).

Entre as casas existem as bem grandes (com até 20 m de diâmetro e 7 m de profundidade), que abrigariam toda uma tribo com dezenas de pessoas; casas geminadas de duas em duas, para casais polígamos ou famílias associadas; e casas pequenas, que seriam habitação para uma família nuclear.

O aterro-plataforma é uma estrutura de terra, independente, na proximidade das casas, que era usado para cremar os mortos. O maior aterro-plataforma do lugar mede 30 m de diâmetro e 2,50 m de altura. Outros três medem 20 m de diâmetro e de 0,80 a 1,20 m de altura.

O 'danceiro' do local reúne 4 'estruturas anelares', que são pequenos montículos circundados por uma vala e esta, por uma taipa de terra; também seria usado para cremação dos mortos ou deposição de suas cinzas.

Casas grandes, acompanhadas de seus aterros-plataforma, são do século XI; uma casa grande com seu 'danceiro' é do século XII. As casas geminadas e as pequenas, ainda acompanhadas por aterros-plataforma, são posteriores, sendo produzidas até a primeira metade do século XVII (Schmitz *et al.*, 2016a: 58). As últimas datas dessas casas subterrâneas com seu aterro-plataforma, ou 'danceiro', em São José do Cerrito, são da primeira metade do século XVII e coincidem com o estabelecimento de uma fazenda de criação, paulista, nos Campos de Lages, em 1629, onde se encontram os sítios estudados. A década de 1630 marca também uma intensa caçada de índios missionados pelos jesuítas no Rio Grande do Sul por bandeirantes paulistas, que transportaram para São Paulo milhares desses índios, usando como rota os Campos de Lages. De passagem levavam também os índios locais, despovoando o território.

A associação entre casas subterrâneas e aterros-plataforma, estudada inicialmente na Boa Parada, foi testada na comunidade de Santo Antônio dos Pinhos, onde o fenômeno se repete com menor densidade.

A cerâmica faz parte da nova tecnologia do período; ela foi classificada como da tradição Itararé. Seu uso ainda era pequeno nas antigas casas grandes, mas se tornou abundante nas casas mais recentes. Uma pequena parte dessas vasilhas de argila cozida mostra, ainda, muito claramente a impressão, em negativo, de cestos nos quais ela teria sido moldada (Schmitz *et al.* 2016a: 50 e 51). O aumento final do tamanho e capacidade das vasilhas cerâmicas, algumas com capacidade até 10 litros, sugere que elas não teriam sido usadas somente para cozinhar produtos vindos de manejo florestal, mas também de produtos vindos de cultivos. As crostas internas, às vezes massas de restos de alimentos, indicam para esses cultivos.

A bastante estabilidade residencial, expressa em casas grandes e monumentos funerários (aterros-plataforma e 'danceiro'), utilizados durante gerações, mostra uma forma bastante estável de ocupação do espaço. Ela não exclui alternância entre sítios e movimentação num espaço, que as tribos considerariam seu domínio.

Esta forma de ocupação marcou o ambiente, com suas construções e criou nichos ambientais, com a reunião de espécies frutíferas nativas e o favorecimento de espécies vegetais pioneiras nas clareiras abertas na mata (Schmitz *et al.*, 2016b).

Para uma visão do que a pesquisa de São José do Cerrito representa nos trabalhos da equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas com sítios atribuídos às populações Jê Meridionais pode-se ver Schmitz, 2016.

2. Objetivos, método e resultados da expedição de 2017

Em publicações anteriores (Schmitz *et al.*, 2016a, b) foram descritas as casas com suas ocupações e datas, os aterros-plataforma e o 'danceiro' e suas relações com as casas. As intervenções no interior das casas tinham mostrado sequências de ocupação e estruturas de fogo e tinham produzido amostras de artefatos. Sentia-se falta de compreender a distribuição, manejo e duração das estruturas do interior das casas, a razão das diferenças entre as casas, sua distribuição no mesmo assentamento e a ocupação dos espaços entre elas. Em síntese: a ocupação das casas e da aldeia formada por elas. Este passou a ser o objetivo da expedição de 2017.

Para isto foi escolhido o sítio SC-CL-51 (Figura 3) composto, então, por seis casas, uma média, duas geminadas e uma pequena. Nele já havia intervenções nas casas 2 (não datada, geminada com 1), 4 (do século XVII, geminada com 3), 5 (do século XVII, média) e 6 (não datada, pequena). As casas 4 e 5 tinham proporcionado considerável quantidade de cerâmica quebrada e preservada nas estruturas de fogo nas quais tinha sido usada, mostrando muito pequena dispersão e pisoteio; as casas 2 e 6, pouca cerâmica, menos agrupada e em menos estruturas. Ao redor da casa 5 tinham sido abertos 4 cortes de 1 m², seguindo os pontos cardiais, que todos produziram algum material, mas só o de número 3 mostrou uma estrutura de fogo e boa quantidade de cerâmica.

A proposta concreta para o sítio SC-CL-51:

1. Fazer novo corte de 2 m² na casa 5, junto ao anterior que, além de muita cerâmica, tinha produzido vasilhas de tamanhos excepcionalmente grandes e abundante material lítico lascado. Este formava estruturas nas quais a cerâmica ainda se conservava, contendo crostas e, às vezes, boa quantidade de macro restos de alimentos. O corte alcançara 0,9 m de profundidade, mas sem proporcionar certeza de ter chegado à base. O objetivo era aumentar a amostra da cerâmica, ver sua distribuição em sucessivos pisos e aprofundar o novo corte até o primeiro piso (água ou rocha).

Resultado: A amostra de cerâmica aumentou, mas não duplicou, a distribuição das estruturas na casa ficou mais definida e o corte foi aprofundado até 1,5 m, onde encontrou o piso da habitação, invadido pelo lençol freático.

2. Fazer um corte de 2 m² na casa 3, que é geminada com a 4, a qual tinha produzido regular quantidade de cerâmica, para comparar o resultado com o da casa gêmea. O intento foi frustrado por uma grande colônia de vespas, que ocupava um oco de árvore a um metro da casa. Como substituto foi escolhida a casa 1, geminada com a 2, em cuja escavação tinham aparecido várias estruturas como ocupações pouco densas.

Resultado: O corte foi aprofundado até 1,6 m, mostrou ocupações passageiras e uma cova, com sucessivas estruturas que podem representar um lugar de cremação ou de deposição das cinzas resultantes de cremações.

3. Abrir cortes estratigráficos entre as casas. Foram demarcados vários cortes, mas o tempo só permitiu a abertura de 3, indicados a seguir.

O corte 1/2017, de 1 m², foi aberto em continuação ao corte 3/2015, que tinha oferecido boa quantidade de cerâmica. O corte inicial foi ampliado para 5 m², em forma de T. Resultado: Boa quantidade de cerâmica no primeiro nível e uma considerável estrutura de fogo, centro de uma área de cozinha junto à borda do aterro da casa.

O corte 2/2017, de 1 m², foi aberto entre a casa 5 e a casa 4. Resultado: isolados fragmentos cerâmicos e líticos, sem clara estrutura de fogo.

O corte 3/2017, foi aberto entre a casa 5 e a casa geminada 1-2. Resultado: certo número de fragmentos cerâmicos em meio a um conjunto de seixos que representa uma estrutura de fogo passageira. (Ver Figura 3)

Além das casas previamente conhecidas foi encontrada mais uma casa geminada com as casas 7 e 8, distante aproximadamente 250 m, dentro da mesma plantação de pinus.

A proposta concreta para o sítio SC-CL-50:

Foi escolhida a casa 5 do sítio SC-CL-50, distante menos de 100 m da casa 5 do sítio anterior e está implantado na mesma ondulação do terreno e na mesma mata. Esta nova casa 5 se compõe com outras 4, todas próximas. A casa 3 do sítio SC-CL-50 teve intervenções em anos anteriores que resultaram numa data do século XI, correspondente à base da habitação, com pouca cerâmica; e uma reocupação que rendeu bastante cerâmica, idêntica à da casa 5 do SC-CL-51.

A casa a ser escavada é rasa, limpa e coberta por pinus em condições de ser colhido. A intervenção deveria ser extensa para servir como amostra de ocupação das habitações. Foi delimitado um gomo de 2 por 2 m a partir do centro da casa, gomo logo ampliado por mais 1 metro, resultando numa intervenção de 3 m pelo centro e a largura de 2 m em direção à parede da casa.

Resultado: A escavação produziu bastante cerâmica semelhante à do sítio SC-CL-51 e alguns artefatos líticos. No centro da casa tinha sido organizado um piso circular de pedra, de uns dois metros de diâmetro, para cuja formação se usou a rocha inamovível que aflorara na escavação cercanda-a de vários blocos menores. A estrutura construída tornou-se referência para a ocupação da casa e a estruturação de suas atividades.

Em lados opostos, junto à borda externa do aterro foram realizados cortes de 1 m², que resultaram num mínimo de lítico e cerâmica confirmando o caráter menos duradouro da casa 5.

No campo foram usados os seguintes procedimentos:

Toda a área do sítio SC-CL-51 e da casa 5 do SC-CL-50 foram topografadas; depois tiveram a vegetação arbustiva reduzida, mantendo as árvores. Das casas que sofreriam intervenção foi retirada a vegetação herbácea e outros restos vegetais. O lugar das intervenções foi delimitado. A remoção dos sedimentos foi realizada por decapagem, de 10 em 10 cm, com os instrumentos adequados para cada momento (enxada, colher de pedreiro, espátula, pincel, podão), os sedimentos retirados foram mais uma vez revisados. Os materiais foram registrados em planilhas, fotografados e recolhidos em sacos plásticos etiquetados, separando lítico, cerâmica, restos alimentares e carvão. Os perfis foram desenhados e fotografados. Os buracos abertos foram novamente fechados, mas preservando estruturas importantes da casa 5 do SC-CL-50 e do corte externo 1/2017 junto à casa 5 do SC-CL-51, cobrindo-os com plástico preto antes de fechá-los. O lugar da intervenção nas estruturas foi registrado em planilhas milimetradas e o das macroestruturas na topografia geral do terreno.

Foram registradas as principais árvores nativas produtoras de frutos comestíveis da proximidade dos sítios SC-CL-51 e SC-CL-50 para avaliar a modificação do ambiente pelos antigos moradores. No entorno dos sítios ainda se conservam restos de matas nativas.

A expedição foi bem sucedida produzindo os seguintes resultados:

Foi confirmada a diversidade de ocupação das várias casas do SC-CL-51, que se supõe representar o alojamento de um líder com seus seguidores, com uma casa de tamanho médio, longa e densamente ocupada, em posição privilegiada; a casa geminada 4 acompanha, em menor escala, a ocupação desta casa principal; por causa da presença de vespas não se pode checar em que medida a casa 3 acompanha a ocupação da casa 4; a casa geminada 1-2 e a casa 6 são ocupações mais rápidas e menos intensas. A casa 1 mostrou uma estrutura que se parece com as de cremação humana estudadas no aterro-plataforma 3 do SC-CL-46 (Schmitz *et al.*, 2016a).

Verificou-se que o espaço entre as casas do assentamento foi palco de atividades diversas, que deixaram materiais dispersos, pequenas estruturas de fogo, mas também um grande lugar de fogo acompanhado de numerosa cerâmica.

Verificou-se que a casa 5 do SC-CL-50 contém a mesma cerâmica da casa 3 do mesmo sítio e das diversas casas do sítio SC-CL-51, indicando que o período recente dos dois sítios faz parte da mesma ocupação. Esta casa mostra, também, que acidentes de construção, como afloramento de rocha inamovível ou o surgimento do lençol freático, podem exigir modificação nas estratégias construtivas para não perder o investimento já realizado.

A concentração de árvores com frutos e sementes comestíveis no próprio sítio e em seus arredores como araucária (*Araucaria angustifolia*), goiaba serrana (*Acca sellowiana*), uvaia (*Eugenia pyriformis*), guabiroba (*Campomanesia guaviroba*), quaresma (*Rollinia rugulosa*), araçá (*Eugenia speciosa*), chal-chal (*Allopylus edulis*), amora silvestre (*Rubus sellowii*) mostra como o assentamento modifica e enriquece o ambiente circundante, formando um nicho antrópico. A urtiga braba (*Urtica baccifera*), por causa de sua longa fibra era muito usada para fios e mantas, mas seus frutinhas também podem ser comidas; ela é natural desses matos, mas sua presença local pode ser obra humana. (Ver Figuras 31 a 39). A abertura de clareiras na mata também favorece plantas pioneiras como guamirim [Mirtáceas], bugre (*Lithraea brasiliensis*) e araucária, aí concentrando seus representantes.

No espaço abrangido pelo sítio SC-CL-51 foram contadas diversas araucárias, 2 árvores de uvaia, 7 de guabiroba, numerosos pé de quaresma, 1 de chal-chal, vários de bugre, uma colônia de urtiga brava e, em área mais aberta, muita amora silvestre. Goiaba serrana, araçá e guamirim, por causa da destruição da borda da mata, que é seu ambiente, só foram observadas em outros sítios, de ambiente mais preservado.

Usando a cerâmica como discriminador, percebem-se, na área, etapas ou períodos de ocupação: uma primeira, sem cerâmica, com uma parada outonal, século VI a X; uma segunda, com pouca cerâmica e relativa estabilidade residencial, do século XI ao XVI; uma terceira, com abundante cerâmica e considerável estabilidade residencial. Nas considerações finais este aspecto será mais desenvolvido.

Além dos sítios previamente conhecidos (Beber, 2013), foi registrado mais um, com duas casas, perfeitamente conservadas, na propriedade de Anita Ribeiro Branco, numa altitude semelhante à da Boa Parada, no limite oposto do espaço urbano.

A maior quantidade de intervenções foi realizada no sítio SC-CL-51 (Ver Figura 3).

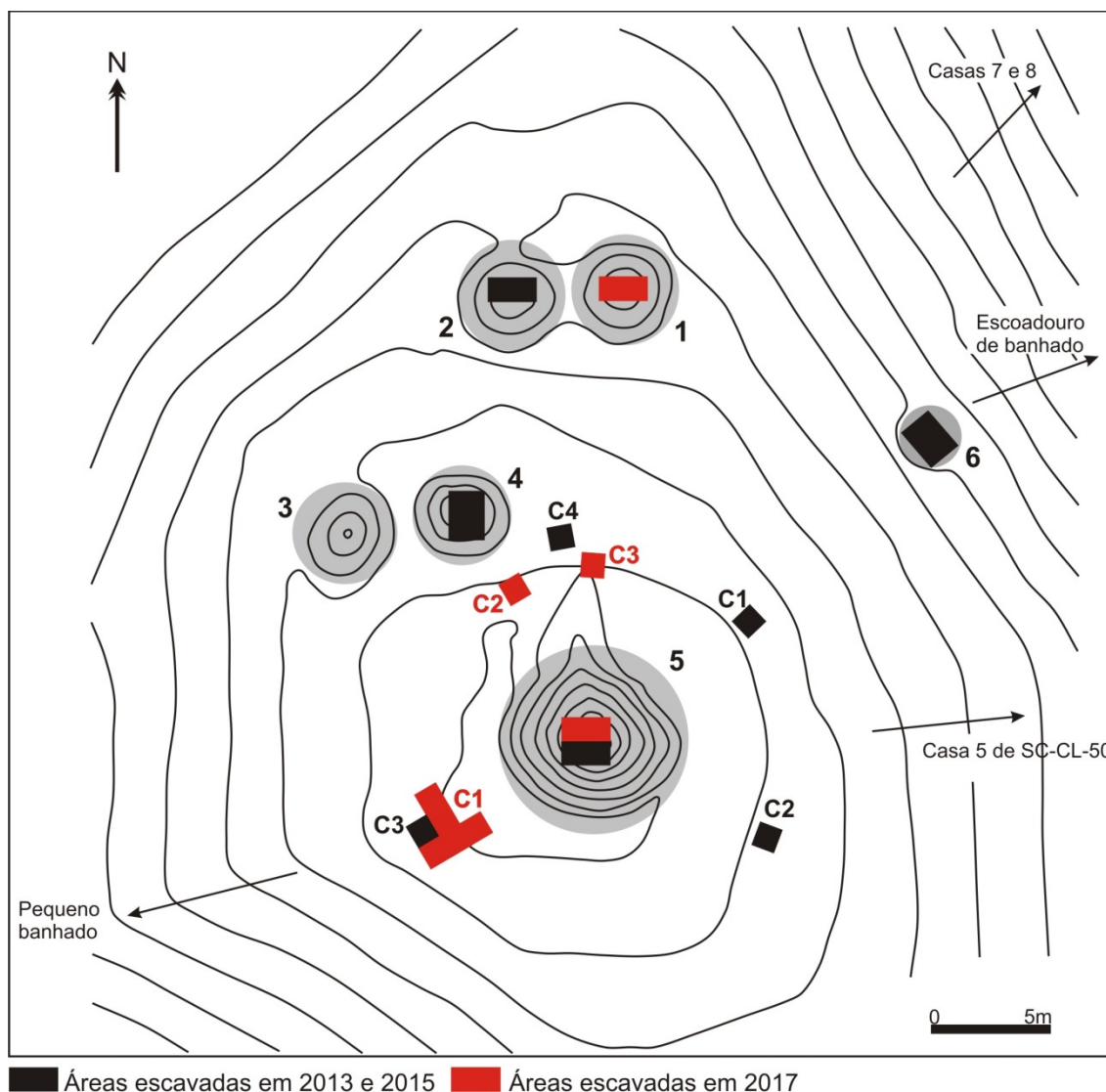


Figura 3. O sítio SC-CL-51, com as sucessivas intervenções.

3. A intervenção na Casa 1.

Depressão de aproximadamente 5 m de diâmetro, 0,60 m de profundidade, com 3 árvores crescidas na sua parede e vegetação herbácea cobrindo a superfície e os arredores. Está separada da casa 2 por aproximadamente 1 m de parede e tem em comum com esta um aterro nivelador, de certa representatividade no lado descendente do suave declive na qual foi construída (Figura 4). O terreno em que está se eleva suavemente em direção às demais casas do sítio e se inclina mais fortemente em direção a um valo que, a uns 100 m, escoam as águas de banhados e pequenas lagoas, que circundam as ondulações em que se encontram os sítios SC-CL-51 e SC-CL-50. As partes mais altas dessas ondulações ainda mantêm amostras de mata original, depauperada, mas seus declives e partes baixas estão plantadas de pinus, que começa a ser colhido.

Depois de capinada a superfície da casa foi aberto um corte 1 x 2 m, do centro para a borda, com a retirada dos sedimentos em níveis de 10 cm, com revisão manual primeiro dentro e depois fora do corte (Figura 5).

O corte chegou ao piso inicial da casa a 1,60 m de profundidade, sobre solo argiloso compacto, decomposição da rocha. O material dos níveis principais foi registrado em planilhas de distribuição (Figura 7), mas ainda não teve uma análise de detalhe.

Nível 1: Sedimento areno-argiloso com bastante húmus, raízes pequenas e algumas grandes; no fim do nível apareceu saibro amarelo granuloso, com penetração de manchas escuras de húmus. Cor: marrom escuro. Consistência média.

Material: Nenhuma cerâmica; 2 lascas.

Nível 2: Sedimento areno-argiloso com raras penetrações de húmus, várias raízes, um pouco de saibro na parte média do corte. Cor marrom amarelado. Consistência média.

Material: Nenhuma cerâmica; 1 lasca de calcedônia, cristais lascados.

Nível 3: Sedimento areno-argiloso, muitas raízes, saibro aparecendo em quase todo o nível, especialmente na parte central do corte. Cor: marrom amarelado. Consistência média.

Material: Nenhuma cerâmica; 3 objetos grandes de basalto, cristais lascados.

Nível 4: Sedimento areno-argiloso, diminuição das raízes, saibro aparecendo em quase todo o nível, especialmente na parte central. Cor: marrom amarelado, mais escuro em alguns pontos. Consistência média, com alguns pontos mais compacta. Um pouco de carvão e solo escurecido começa a definir um lugar central.

Material: Um fragmento cerâmico Simples; 2 lascas médias e 2 muito grandes.

Nível 5: Sedimento areno-argiloso, poucas raízes e expansão da camada de saibro, avançando até quase o meio da casa. Cor: marrom amarelado, mais escuro onde começava a se definir um lugar central com grandes grânulos de carvão. Consistência média.

Material: 2 pequenos fragmentos de cerâmica Simples perto do centro da casa; 1 bloco grande, 1 lasca grande, um talhador grande, 1 lasca de calcedônia e cristais lascados.

Nível 6: Sedimento areno-argiloso, poucas raízes aumentando em direção ao centro da casa. Cor: marrom avermelhado aumentando em profundidade. Diminuição do saibro. Consistência média, aumentando em direção ao centro da casa. Carvão em diversos pontos e um grande fragmento no centro da casa.

Material: 6 fragmentos de cerâmica Simples, 1 em espinha de peixe, distribuídos pelo corte.

Nível 7: Sedimento areno-argiloso, desaparecimento quase completo das raízes. Cor: marrom avermelhado em direção à borda da casa, mais escura em direção ao centro. Camada mais densa de saibro na parte central do corte, diminuindo em direção às extremidades. Consistência moderada, menor que nos níveis anteriores. Conjunto de objetos líticos com carvão em direção à parede da casa; em direção ao centro também um lugar com bastante carvão.

Material: Nenhuma cerâmica; 1 lasca muito grande, 2 objetos líticos médios, 1 seixo quebrado, 1 lâmina primitiva de machado, cristais lascados (Figura 7).

Nível 8: Sedimento areno-argiloso, poucas raízes, diminuição da camada de saibro que permanece densa no centro do corte. Está se definindo um fogão junto à parede da casa com objetos líticos, fragmentos cerâmicos e bastante carvão em grânulos grandes. Cor: marrom avermelhado junto à parede, escura para o centro da casa. Consistência: moderada, menor no centro da casa. Sete objetos de basalto marcam o fogão.

Material: 4 fragmentos cerâmicos Simples; 1 lasca grande, 1 núcleo grande, 2 objetos líticos pequenos, 1 cristal (Figura 7).

Nível 9: Sedimento areno-argiloso, concentração do saibro no centro do corte. Cor: marrom avermelhado, mais escuro na estrutura de fogo. Consistência moderada, maior junto à parede da casa, menor na estrutura de fogo e no centro da casa.

Material: 4 fragmentos cerâmicos Simples, 1 pinçado; 2 objetos líticos médios (Figura 7).

Nível 10: Sedimento areno-argiloso, com poucas raízes e diminuição do saibro. Cor: marrom avermelhado junto à parede, escura na parte central da casa. Consistência maior em direção à parede, menor em direção ao centro da casa.

Material: 2 fragmentos cerâmicos Simples; 1 talhador primitivo, 1 seixo grande, 1 objeto lítico grande e 3 médios (Figura 7).

Nível 11: Sedimento areno-argiloso com diminuição do saibro, concentrado no centro da casa. Cor: marrom avermelhado em direção à parede, mais escura em direção ao centro da casa. Consistência moderada, maior em direção à parede, menor em direção ao centro da casa.

Material: 1 fragmento cerâmico Simples; 1 núcleo grande, 1 fragmento pequeno, cristais lascados (Figura 7).

Nível 12: Sedimento areno-argiloso. Cor: marrom avermelhado, escura no centro do corte, onde havia algum carvão e 2 objetos líticos. Consistência como no nível anterior.

Material: Nenhuma cerâmica; 2 objetos líticos.

Nível 13: Sedimento areno-argiloso. Cor: marrom avermelhado, mais escuro no centro do corte. Consistência moderada para mais.

Material: Nenhuma cerâmica; 2 objetos líticos.

Nível 14: Sedimento areno-argiloso em direção ao centro da casa, mais argiloso em direção à parede. Cor: marrom amarelado em direção à parede, avermelhado-escuro, com manchas escuras, em direção ao centro da casa. Consistência maior em direção à parede, onde a escavação entrou no substrato; um pouco menor no centro, onde também se encontrou o piso.

Material: Nada.

Nível 15: Sedimento argilo-arenoso. Cor: amarelada com pequenas manchas escuras. Consistência bastante grande.

Material: Nenhuma cerâmica; 3 objetos líticos grandes.

Nível 16: Sedimento argilo-arenoso. Cor: amarelada. Consistência: compacta.

Material: Nenhuma cerâmica; 3 objetos líticos.

Perfil da parede AD (Figura 6):

Camada 1: sedimento areno-argiloso com alguma compactação e cor marrom. Com raízes.

Camadas 2 e 3: correspondem a uma depressão contendo sedimentos areno-argilosos semi-compactos, de coloração mais escura, em cuja base está um pacote de carvão em grânulos grandes, que está coberto por um acúmulo de saibro amarelado de granulação relativamente grande.

Camada 4: uma depressão menor com um acúmulo menor de carvão em sua base, coberto por saibro à semelhança das camadas 2 e 3 e interceptada por elas.

Camada 5: é a continuação em profundidade das camadas 2-4, contendo carvão, cerâmica e alguns objetos líticos.

Camada 6: semelhante à camada 1, porém um pouco mais compacta, contendo várias estruturas caracterizadas por uma coloração escura e algum carvão.

A ocupação da casa:

O corte produzido mostra que a casa foi ocupada mais vezes, de forma passageira, deixando pequenas estruturas de fogo, uns poucos objetos líticos, alguns fragmentos cerâmicos e carvão, mas sem formar pisos contínuos. A cerâmica representa fragmentos de 2 vasilhas simples, 1 incisa, 1 pinçada.

A estrutura registrada na parede AD desenhada no perfil, aparece como uma larga depressão afunilada cortando as camadas de cima a baixo; ela mostra uma sucessão de eventos: na sua base uma estrutura formada por alguns seixos, contendo carvão e alguns fragmentos cerâmicos. Depois um pacote de carvão, cujas brasas foram cobertas com uma camada de saibro amarelo trazido de fora. A estrutura foi, posteriormente,

interceptada por outra semelhante, representada por um pacote maior de carvão, cujo fogo igualmente foi apagado por uma camada maior de saibro amarelo trazido de fora. Os carvões dessas estruturas são grandes e de boa madeira. A forma, o tamanho, a maneira de extinguir o fogo e a qualidade do carvão se assemelham ao observado nas covas de cremação do aterro 3 do SC-CL-46 (Schmitz *et al.*, 2013b). A forma de apagar o fogo da cremação dos mortos com saibro trazido de fora tinha sido registrada por Chmyz e Sauner (1971) junto ao rio Cantu, afluente do rio Piquiri, no Paraná e por Schmitz *et al.*, 2016b, em Santo Antônio dos Pinhós

A partir dessas observações surge a pergunta: Será que a larga e profunda cova na casa 1, com duas ocorrências de muito carvão e coberturas de saibro, claramente intrusiva nos níveis de ocupação, também não estaria ligada à cremação ou guarda das cinzas de mortos? Se fosse o enterro de um animal doméstico sobriariam ossos e a estrutura seria diferente.

As paredes da pequena casa eram bastante eretas delimitando um espaço habitável de uns 4 m de diâmetro e 2,5 m de profundidade a partir do nível do solo. Supondo uma cobertura em forma de berço, ou de canoa virada, construída em cima do aterro que circunda ambas as depressões (a casa 1 mais a casa 2), se obteria um espaço habitacional, que facilmente abrigaria duas famílias associadas ou um matrimônio bígamo.

A casa 2, que é geminada com a casa 1, sob o mesmo teto, apresenta ocupações mais bem definidas como estruturas de combustão com seus respectivos recipientes cerâmicos, mas também de curta duração (Schmitz *et al.*, 2016a). As estruturas da casa 1 podem ter sido destruídas quando se escavou a cova grande registrada na parede AD. Como não temos datações para as duas casas ficamos sem conhecer se a ocupação foi simultânea, o que seria lógico por se encontrarem debaixo do mesmo teto.



Figura 4. Casa geminada 2 e 1



Figura 5. Corte de 2 x 1 m na casa 1.

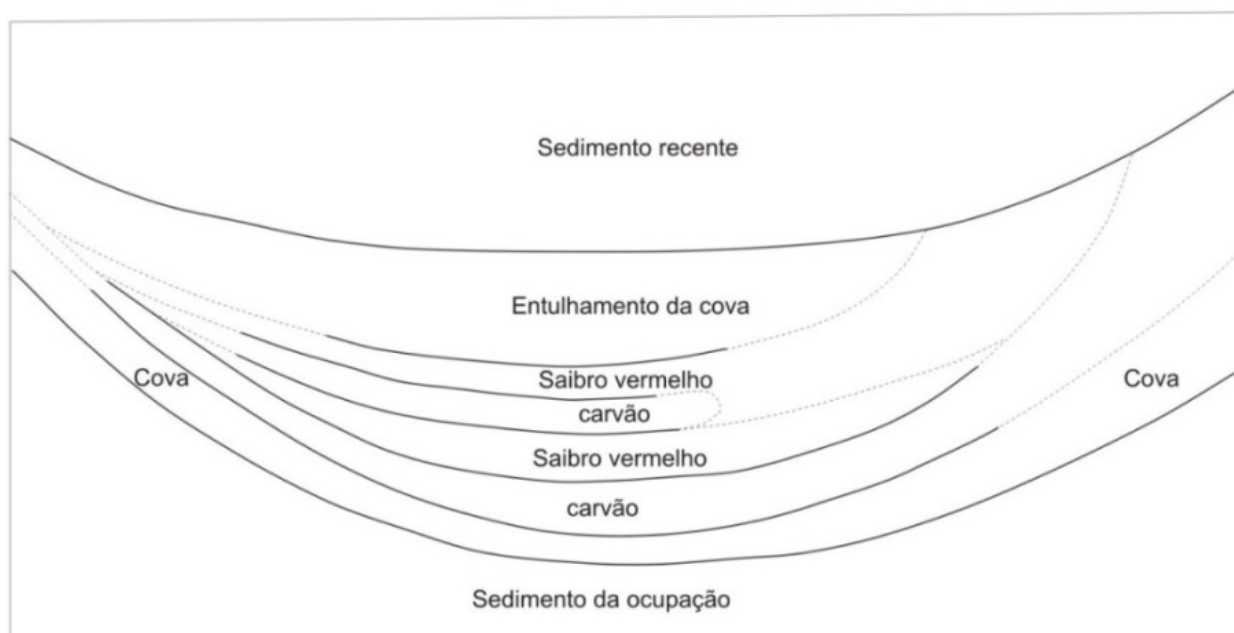


Figura 6. Vista e perfil da parede AD do corte 1 mostrando grande depressão com duas concentrações sucessivas de carvão cobertas por saibro vermelho.

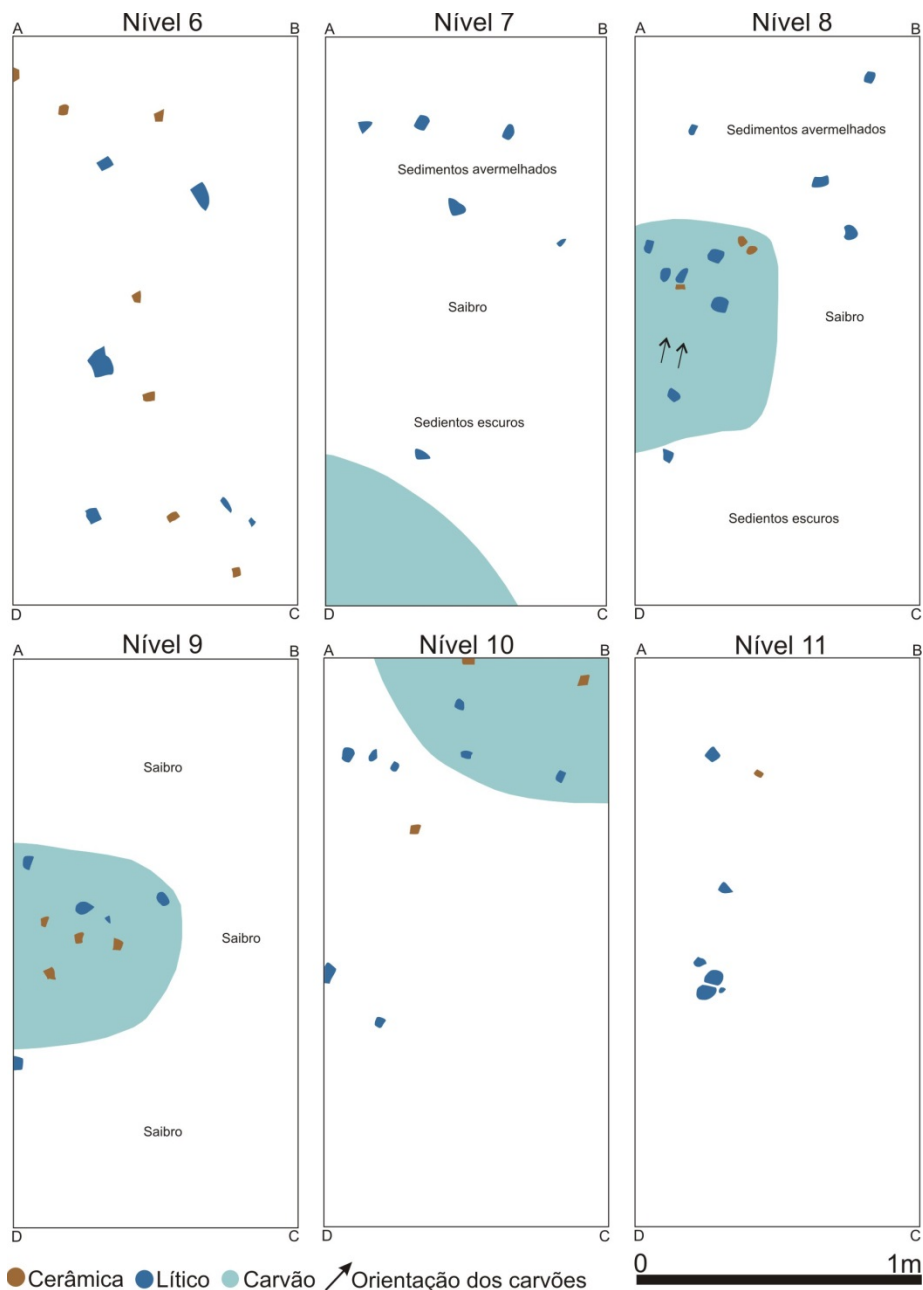


Figura 7. Registro do material dos níveis de 6 a 11.

4. Segunda intervenção na casa 5 do sítio SC-CL-51

A casa 5, no ponto mais alto da ondulação do terreno, mede 7,6 m de diâmetro, 1,9 m de profundidade e tem largo aterro raso. Em sua parede cresceram grandes árvores, entre elas bugre e chal-chal, que ajudam a mantê-la. Em 2015 foi realizado um corte de 1 x 2 m, um pouco desviado do centro, que foi levado a 0,9 m e rendeu abundante material cerâmico, lítico e vegetal e produziu uma data da primeira metade do século XVII (Schmitz *et al.*, 2016a).

O presente trabalho se destinava a testar esses resultados com novo corte de 1 x 2 m, paralelo ao anterior, multiplicar o material e levar a intervenção até a base da ocupação (rocha ou água). O novo corte alcançou 1,5 m de profundidade (Figura 8).

No interior da casa foi retirada a vegetação herbácea e foi demarcado um corte de 1 x 2 m paralelo ao corte de 2015 e parcialmente sobreposto a ele.

A remoção dos sedimentos foi realizada em níveis de 10 cm. Registramos os materiais em planilhas, por níveis, como se pode ver na Figura 15. Concentrações de cerâmica ou de lítico dentro do nível foram indicadas como conjuntos e seus materiais foram mantidos reunidos. O material que não estava nesses conjuntos foi identificado como geral ou disperso. A cerâmica sofreu pouca erosão e pouco deslocamento, como já se tinha observado no corte 1.

No texto indicamos a cerâmica como Simples quando apenas alisada; como Impressão de cestaria quando apresenta um sistema de pequenas depressões; como Espinha de peixe quando incisa em escada ou forma parecida. Mais adiante no texto oferecemos mais dados sobre a cerâmica.

Nível 1: Sedimento areno-argiloso de coloração marrom avermelhado, consistência relativamente solta. Alguns pontos com sedimento mais compacto. Há buracos de lixo proveniente de piqueniques recentes (copos plásticos), nos quais o sedimento é mais escuro e com menor consistência.

Cerâmica: no conjunto 1 há 3 fragmentos cerâmicos Simples. No conjunto 2 também 3 fragmentos Simples.

Lítico: 1 núcleo médio e 1 núcleo pequeno, 1 lasca pequena, 1 quartzo lascado.

Nível 2: Sedimento igual.

Cerâmica: 3 fragmentos Simples, 4 em espinha de peixe.

Lítico: 1 núcleo grande, 1 objeto grande, 1 fragmento médio.

Nível 3: Sedimentos argilosos com saibro em 3 quartas partes do corte a partir da parede da casa e compactação pouco maior. Na porção oposta, em direção ao centro da casa, os sedimentos são areno-argilosos, marrom escuros, soltos. Raízes grandes ocorrem em todo o nível.

Cerâmica: 11 fragmentos Simples.

Lítico: 1 lasca média de seixo, 1 lasca de calcedônia, 1 lasca de quartzo, 2 cristais, 1 pequeno fragmento de drusa.

Nível 4: Para o centro da casa os sedimentos são areno-argilosos, de coloração marrom, pouco compactados, sem muito saibro. Na outra metade são mais avermelhados, com muito saibro e mais compactados. Começam a aparecer os conjuntos de fragmentos, correspondentes a recipientes quebrados no local. Começa a aparecer uma pequena faixa do corte anterior, de 2015.

Cerâmica: No conjunto 1: 22 fragmentos Simples, 1 Simples com furo, 1 cestaria impressa, 2 em espinha de peixe. No conjunto 2: 21 fragmentos Simples. No conjunto 3: 3 fragmentos Simples. No geral: 1 fragmento Simples.

Lítico: 1 núcleo com várias faixas de cristalização, 1 objeto grande, 1 médio e 2 pequenos.

Nível 5: Sedimentos areno-argilosos, de coloração marrom, consistência frouxa (Figura 15 e 9).

Cerâmica: No conjunto 1: 14 fragmentos Simples. No conjunto 2: 39 fragmentos Simples, 2 Simples com furo, 1 com cestaria impressa, 1 com restos de alimentos. No conjunto 3: 2 fragmentos Simples. No conjunto 4: 2 fragmentos Simples.

Nível 6: Sedimentos areno-argilosos de coloração marrom escuro próximo a uma estrutura de fogo. Próximo à parede sedimentos de compactação frouxa resultantes de deflação da parede (saibro). No centro do corte evidenciou-se uma estrutura de fogo com carvão em grânulos bem grandes nos quais foi possível evidenciar a orientação das madeiras que alimentavam o fogo (Figura 15).

Cerâmica: Na estrutura de fogo: 39 fragmentos Simples, 2 em cestaria impressa, 1 em espinha de peixe. No interior de uma vasilha havia um bolo de restos de alimentos. Dispersos no nível: 31 fragmentos Simples, 3 em espinha de peixe.

Lítico: 2 raspadores grandes, 1 lasca grande, 2 lascas médias, 1 tembetá polido de quartzo, 2 fragmentos de calcedônia, 1 pequeno bloco de hematita, 1 núcleo pequeno de basalto mais duro, 3 fragmentos médios, 4 pequenos. Um bloco muito grande de basalto vermelho, 2 seixos grandes de basalto vermelho, 1 seixo de basalto intemperizado formavam uma estrutura.

Nível 7: Sedimentos areno-argilosos de coloração marrom, relativamente soltos, nos quais se concentra o material arqueológico. Poucas raízes. Num dos lados do corte já se manifestam as paredes da casa, no outro lado os indícios do corte anterior (Figura 15 e 10).

Cerâmica: No conjunto 1: 21 fragmentos Simples, 1 cestaria impressa, 1 pinçado, num deles havia restos de alimentos. No conjunto 2: 13 Simples, sendo um deles com furo e um com restos de alimentos. No conjunto 3: 11 fragmentos Simples. No geral há 17 fragmentos Simples, 1 cestaria impressa.

Lítico, no nível, geral: 2 núcleos muito grandes, 3 objetos médios, 3 objetos pequenos, 1 hematita pequena, 2 cristais lascados, 1 quartzo arredondado ou resina. No conjunto 1: 1 talhador grande. No conjunto 3: um bloco muito grande, 1 raspador grande, 1 lasca grande.

Nível 8: Sedimentos areno-argilosos de coloração marrom escuro, predominante no núcleo da estrutura geral de combustão. No lado da parede da casa, sedimento frouxo de coloração marrom avermelhado com granulometria arredondada de erosão, decorrente de deflação (Figura 15 e 11).

Cerâmica: No conjunto 1: 4 fragmentos Simples, 5 de cestaria impressa. No conjunto 2: 34 fragmentos Simples, dois Simples com furo, 1 em espinha de peixe, 1 pinçado; também há macro restos de alimentos que se acomodaram próximo aos fragmentos. No conjunto 3: 8 fragmentos Simples, 1 pinçado. É possível ver a orientação das madeiras que alimentavam o fogo.

Lítico: No conjunto 1: 1 lasca muito grande, 1 objeto médio, 1 pequeno seixo de hematita; no conjunto 2: 1 mão-de-pilão, 1 núcleo grande, 2 objetos médios; no conjunto 3: 1 núcleo muito grande, 3 núcleos grandes, 1 núcleo pequeno, 2 objetos médios, 1 fragmento de calcedônia.

Nível 9: Sedimentos como no anterior. Representa um piso, a partir do qual inicia um sedimento mais compacto. Até esta profundidade tinha chegado o corte de 2015. As peças estão sobre esta camada compactada. O centro da quadrícula é mais escuro e menos compacto (Figura 15 e 12).

Cerâmica: No conjunto 2: 4 fragmentos cerâmicos com cestaria impressa. No conjunto 3: 13 fragmentos Simples, 1 pinçado. Na coleta geral: 12 fragmentos Simples, 3 com cestaria impressa.

Lítico disperso: 4 objetos pequenos, 3 objetos grandes, 1 quartzo lascado; no conjunto 1: 5 objetos grandes, 1 lasca grande, 2 cristais lascados, 1 cristal, 1 seixo/plaqueta amarelo muito grande; 1 enxó grande, 1 núcleo grande, 1 núcleo médio, 1 lasca grande; no conjunto 3: 1 lasca muito grande, 1 seixo grande.

Nível 10: Solo areno-argiloso de coloração amarelada, bem compacto, um 'piso'. Os vestígios arqueológicos estão sobre esta camada, pisoteados e dispersos. Diminui a cerâmica e aumenta o lítico em peças maiores (Figura 15 e 13).

Cerâmica: No conjunto 1: 2 fragmentos cerâmicos Simples. No material disperso: 4 fragmentos Simples, 3 de cestaria impressa, 1 pinçado.

Lítico disperso: 5 objetos médios; no conjunto 1: 5 objetos grandes, 1 muito grande, 2 objetos médios. (Foto)

Nível 11: Sedimentos areno-argiloso, frouxos, de coloração variada. Inicia uma mancha cinza, que representa o fundo de fogueiras e estruturas de combustão do corte. Blocos grandes de basalto com marcas de retiradas (Figura 15 e 14).

Cerâmica: Junto a duas grandes pedras: 15 fragmentos Simples, 3 de cestaria impressa. Dispersos: 4 fragmentos Simples, 2 de cestaria impressa.

Lítico: 2 blocos lascados muito grandes, 5 objetos muito grandes, 2 objetos grandes, 2 objetos pequenos, 1 lasca de calcedônia, 1 lasca de cristal, 1 cristal.

Nível 12: A maior parte da quadrícula já está com sedimentos argilosos (saibro) compactos, de coloração amarelada, do substrato. Elementos arqueológicos ainda aparecem em mancha de sedimento cinza, mais solto, em direção ao centro da casa.

Cerâmica: No conjunto 1: 6 fragmentos Simples, 3 de cestaria impressa, 1 em espinha de peixe. No conjunto 3: 12 fragmentos Simples, 1 cestaria impressa.

Lítico: no conjunto 2: 1 núcleo grande, 1 lasca grande, 4 objetos médios, 1 lasca de cristal; no conjunto 3: 1 núcleo grande de basalto vermelho.

Nível 13: Sedimento menos compacto parecendo um intervalo entre duas ocupações. Os materiais aparecem entre o nível 12 e este (13). A coloração em diversos tons de amarelo, vermelho e preto, varia entre manchas dispersas em toda a quadrícula. A mancha cinza do nível anterior termina aos 5 cm desta.

Lítico: 1 objeto médio.

Nível 14: Sedimento ora frouxo, ora compacto quando próximo ao piso, com variação de coloração em diversos pontos da quadrícula. Percebe-se o final da ocupação, descrita nos 4 níveis anteriores.

Cerâmica: 2 fragmentos Simples.

Lítico: 1 núcleo grande, 1 fragmento prismático grande, 2 núcleos de quartzo, 1 lasca de calcedônia.

Foi coletada uma amostra de carvão a 1,4 m da superfície, em condições de datação, mas não processada.

Nível 15: Sedimento semelhante ao do piso, com áreas compactas e outras frouxas. Apareceu uma estrutura de fogo com grandes núcleos líticos e um grande bloco de basalto cinza, que indicam a primeira ocupação da casa. Não foi possível continuar a escavação porque a água do lençol freático entrou no corte e o manteve alagado.

Lítico: formando estrutura de fogo: 4 objetos grandes, 2 médios.

A ocupação:

No perfil do corte foi possível observar as ocupações, que, de baixo para cima, são as seguintes: uma primeira, pouco densa, do nível 16 ao nível 11, não datada; uma segunda, intensa, com piso consolidado, do nível 10 ao 4; sobre o piso ela foi datada em 1630 +- 30 de nossa Era. Uma camada sem material separa as duas ocupações. A camada superior ao nível 4 só apresenta um pouco de material descontextualizado, nenhuma ocupação definida.

O presente corte, de 2017, repetiu as características do corte de 2015, que só tinha atingido a segunda e a terceira ocupações. Ele apresentou menos material porque mais perto da parede da casa, mostrando efeito periferia.

O material lítico, não explicitamente analisado, apresenta as características gerais descritas em Schmitz *et al.*, 2016A, p. 44-47. Para a cerâmica dos dois cortes apresentamos, a seguir, alguns dados que confirmam os já publicados.

5. A cerâmica do sítio SC-CL-51

A soma dos cortes 1 e 2, num total de 4 m², rendeu 2.237 fragmentos cerâmicos.

A cerâmica do corte 1 foi anteriormente descrita em Schmitz *et al.*, 2016A.

A descrição que segue refere-se à cerâmica do corte 2. Ela repete o que anteriormente se tinha observado.

Pasta densa e compacta, antiplástico areia proveniente da decomposição de basalto, contendo quartzo e hematita em proporções diversificadas, com densidade média ou alta.

Construção provavelmente modelada por placas; raramente feita no interior de cesto. Quebra em diversas direções, não ao longo de roletes.

Queima boa, oxidante incompleta. Cor no fator 5YR, predominando marrom em diversos matizes até bem preto. A cor depende tanto da queima e do uso, como da quantidade de hematita contida na pasta.

Dureza 3 na escala de Mohs.

Acabamento predominantemente bem alisado; a parede interna pode apresentar estrias de alisamento. Às vezes, quando a pasta é vermelha uniforme, há brunido interno e externo. A impressão de cesto pode cobrir todo o corpo e terminar em lábio engrossado e base alisada, ou cobrir só a parte superior do bojo desde a inflexão, caso em que pode ser uma imitação. O inciso em espinha de peixe costuma aparecer na inflexão. Havia também engobados em vermelho, mas eles são difíceis de distinguir.

Forma: O aspecto geral da vasilha é vertical, com a proporção da boca para o corpo de aproximadamente 2 : 3, muitas vezes com leve inflexão para formar um suave colo entre o corpo e a borda, indicando que são duas partes construtivas (variedade A). Em menor quantidade existem recipientes pequenos com o lábio expandido através de um reforço externo arredondado (variedade B) e pequenas tigelas semiesféricas (variedade C). As paredes das vasilhas costumam ser diretas, a espessura de 3 a 6 mm, com raras ocorrências até 11 mm; a base é levemente convexa, raramente um pouco reforçada. O lábio é plano ou biselado. A abertura da boca apresenta as seguintes medidas: 6 cm = 1; 8 cm = 2; 10 cm = 5; 12 cm = 5; 14 cm = 6; 16 cm = 3; 18 cm = 1; 20 cm = 2; 24 cm = 2; 26 cm = 2; 28 cm = 1. São mais numerosas as de 10 a 14 cm de boca.

Marcas de uso: A maior quantidade das vasilhas apresenta a superfície interna com uma película escura, às vezes uma verdadeira crosta. Alguns recipientes ainda continham macro restos de alimentos; deles foram recolhidas várias amostras para análise, que está em processo. Em algumas vasilhas, a crosta interna apresentava desgastes regulares (remoções) produzidos por instrumento de mexer em círculo, ou retirar o alimento. Às vezes também existe fuligem ou crosta na face externa. As películas escuras e crostas dentro das vasilhas e a fuligem na parede externa indicam seu uso para cozinhar. Elas foram aumentadas pelo abandono em maio a cinzas e carvão das fogueiras em que foram usadas.

Seu uso não parece ligado só ao pinhão, que pode ser comido cru, assado ou sob a forma de pão, mas a plantas cultivadas, que necessitam de cozimento para seu consumo.

Remendos: São frequentes os furos nas paredes, em qualquer parte delas, não só na borda; eles são posteriores à quebra da vasilha porque atravessam as crostas deixadas pelo uso. Eles se encontram, de preferência, em vasilhas grandes, que são difíceis de produzir e que seriam remendadas para novo uso. Pode haver até 8 furos numa só panela, representando 4 pontos de remendo.

Abandono: A partir do primeiro momento da segunda ocupação observa-se associação de diversos, até numerosos, fragmentos da mesma vasilha, com partes de borda, de corpo e base, indicando que a vasilha foi abandonada no lugar, inteira ou em grandes fragmentos. Estes conjuntos se sucedem durante vários níveis mostrando continuidade e certa densidade de ocupação. De modo geral, o deslocamento dos fragmentos foi pequeno, sugerindo que casa não era varrida, nem limpa. As vasilhas com espinha de peixe e com pinçado irregular apresentam distribuição ampla, mas são apenas fragmentos de vasilhas cuja forma se desconhece.

Distribuição e abundância: Na apresentação do material por níveis, como fizemos acima, é possível avaliar a presença, distribuição e quantidade da cerâmica Simples, sempre absolutamente majoritária. Para mostrar a presença, distribuição e quantidade da cerâmica com acabamento plástico de superfície explicitamos abaixo suas variadas formas.

Impressão de cestaria a (em faixas de sulcos paralelos, Figura 28 letra b): tamanho dos fragmentos até 5 cm, marrom escuro, espessura menor que 5 mm, crosta interna. Forma variedade a. Distribuição: corpo, não borda, nem base.

Nível 4, conjunto 1 = 1; Nível 5, conjunto 2 = 1; Nível 11, conjunto 1 = 9; conjunto 2 = 3; Nível 12, vértice D = 5; conjunto 3 = 4. Total: 2 vasilhas.

Impressão de cestaria b (em faixas de pinçados, Figura 28 letra c): tamanhos dos fragmentos até 5 cm, preto interno e externo. Forma variedade a (abertura = 8 e 16 cm). Distribuição: corpo, não borda nem base.

Nível 5, geral = 1; Nível 6, fogão = 2; Nível 7, geral = 1; conjunto 1 = 1. Total: 5 fragmentos = 1 vasilha.

Ponteado: espessura 3 mm, borda (abertura = 14 cm), marrom escuro, Forma variedade a. Distribuição: corpo, não borda, nem base. Crosta interna.

Nível 6, geral = 5; fogão = 3; Nível 7, conjunto 3 = 1; Nível 8, conjunto 1 = 7; conjunto 3 = 1; Nível 9, geral = 3; conjunto 2 = 3; Nível 12, conjunto 3 = 1. Total: 1 vasilha.

Ungulado tangente em linha: espessura 4 mm, marrom escuro. Forma levemente infletida. Corpo. Sem crosta.

Nível 10, geral: 1. Total: 1 vasilha.

Pinçado regular (Figura 28 letra d): tamanho dos fragmentos até 10 cm, espessura 6 mm, marrom médio, Forma variedade a (abertura = 20 cm). Distribuição: corpo, não borda, nem base.

Nível 1, conjunto 2 = 1; Nível 8, conjunto 2 = 1. Total: 2 vasilhas.

Pinçado irregular: Corpo. Forma variedade a, espessura 4 mm, marrom avermelhado, limpo.

Nível 4, conjunto 3 = 1; Nível 5, geral = 1; Nível 5, conjunto 2 = 2; Nível 8, conjunto 3 = 1; Nível 10, geral = 1. Total: 2 vasilhas.

Inciso em Espinha de peixe e semelhantes (Figura 28 letra a): espessura 3 e 4 mm; marrom escuro e marrom amarelado. Forma variedade a. Inflexão.

Nível 2, geral = 5; Nível 4, conjunto 1 = 11; Nível 5, geral = 14; Nível 6, geral = 3; fogão = 1; Nível 7, geral = 3; Nível 8, conjunto 1 = 6; Nível 12, vértice D = 1. Total: ao menos 3 vasilhas.

Experiência de criança (vasilha pequena e rudimentar): borda e corpo. Forma variedade a (28 = 6 cm de abertura), lábio reforçado, espessura 2 mm, abertura 6 cm, pasta com pouca areia e pouca hematita, cor cinza bem claro, limpa.

Nível 11, conjunto 2 = 2; Nível 12, vértice D = 4. Total: 1 vasilha.

Do corte 1 (2015) tiramos 118 bordas e 52 bases para complementar a descrição anterior. Nesse corte tinham sido recuperados 1.732 fragmentos com as mesmas características do corte 2 (Figura 16).

O tamanho dos fragmentos das bordas: até 7,5 cm de medida máxima = 75%; entre 7,6 e 17 cm = 25%.

A espessura desses fragmentos: Até 5 mm = 80%; entre 5,1 e 7,5 mm = 20%.

A abertura da boca, sobre 111 bordas medidas: 6 cm = 5 vasilhas; 8 cm = 1; 10 cm = 11; 12 cm = 6; 14 cm = 12; 16 cm = 9; 18 cm = 17; 20 cm = 9; 22 cm = 6; 24 cm = 2; 26 cm = 5; 28 cm = 2; não definida = 26.

O ângulo da borda: 45 a 67° = 4%; entre 67 e 90° = 71%; não definidas: = 25%.

O lábio é afilado = 0,84%; arredondado = 6%; plano = 93%.

As bases são arredondadas, convexas.

O tamanho dos fragmentos de bases: até 7,5 cm = 78,8%; 7,6 a 10 cm = 11,5%; 10,1 a 12,5 cm = 5,7%; com mais de 15 cm = 3,8%.

A espessura desses fragmentos: até 5 mm = 7,7%; de 5,1 a 7,5 mm = 34,6%; de 7,6 a 10 mm = 53,8%; de 10,1 a 10,25 mm = 1,9%; de 10,26 a 10,50 mm = 1,9%.



Figura 8. O corte 2, de 1 x 2 m na casa 5 do SC-CL-51. Ao fundo a casa 1.



Figura 9. Nível 5: fragmentos de uma vasilha



Figura 10. Distribuição do material no nível 7.



Figura 11. Distribuição do material no nível 8



Figura 12. Distribuição do material no nível 9.



Figura 13. Nível 10, parcial



Figura 14. Nível 11, parcial.

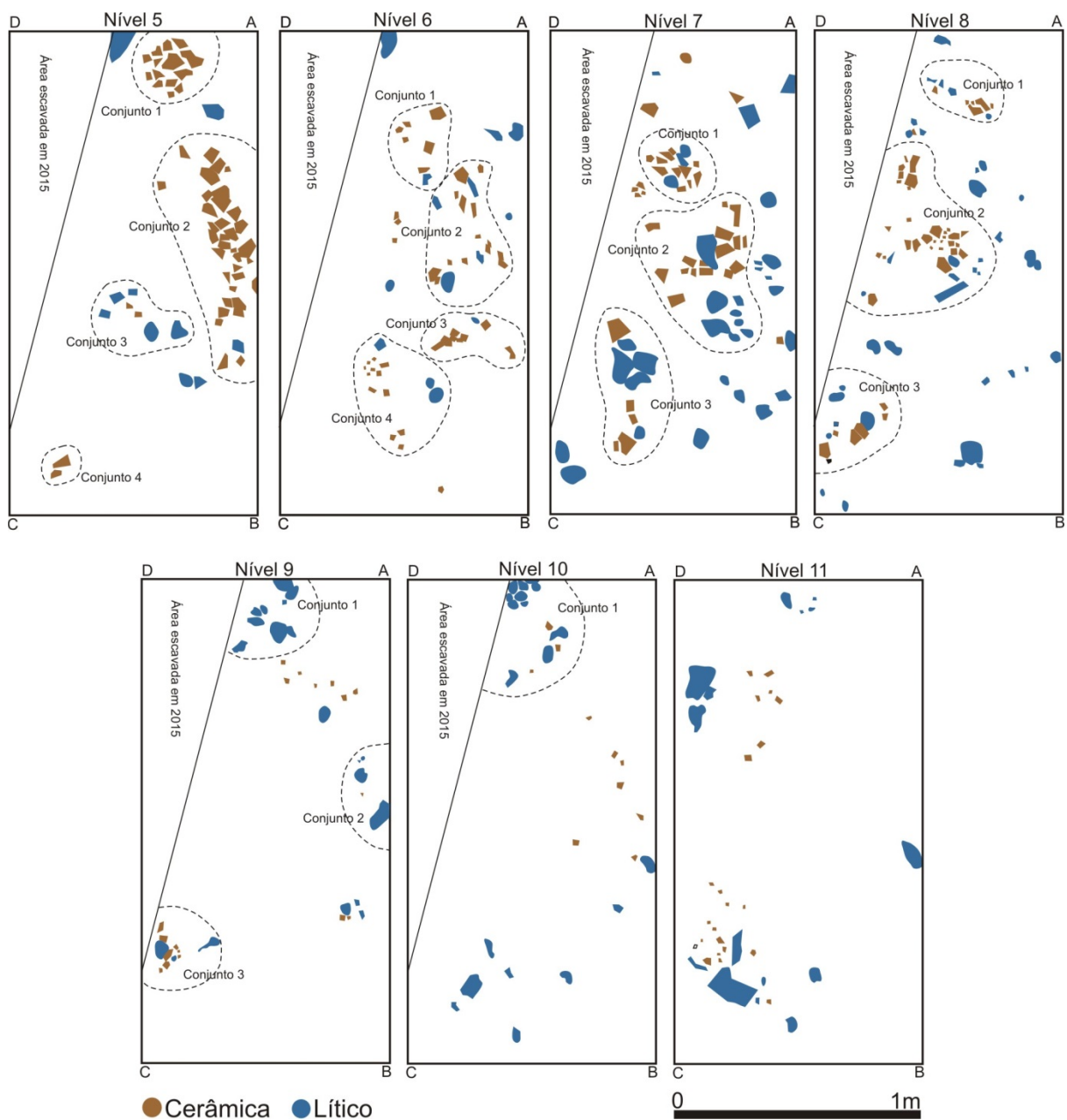


Figura 15. Registro do material dos níveis 5 a 11.

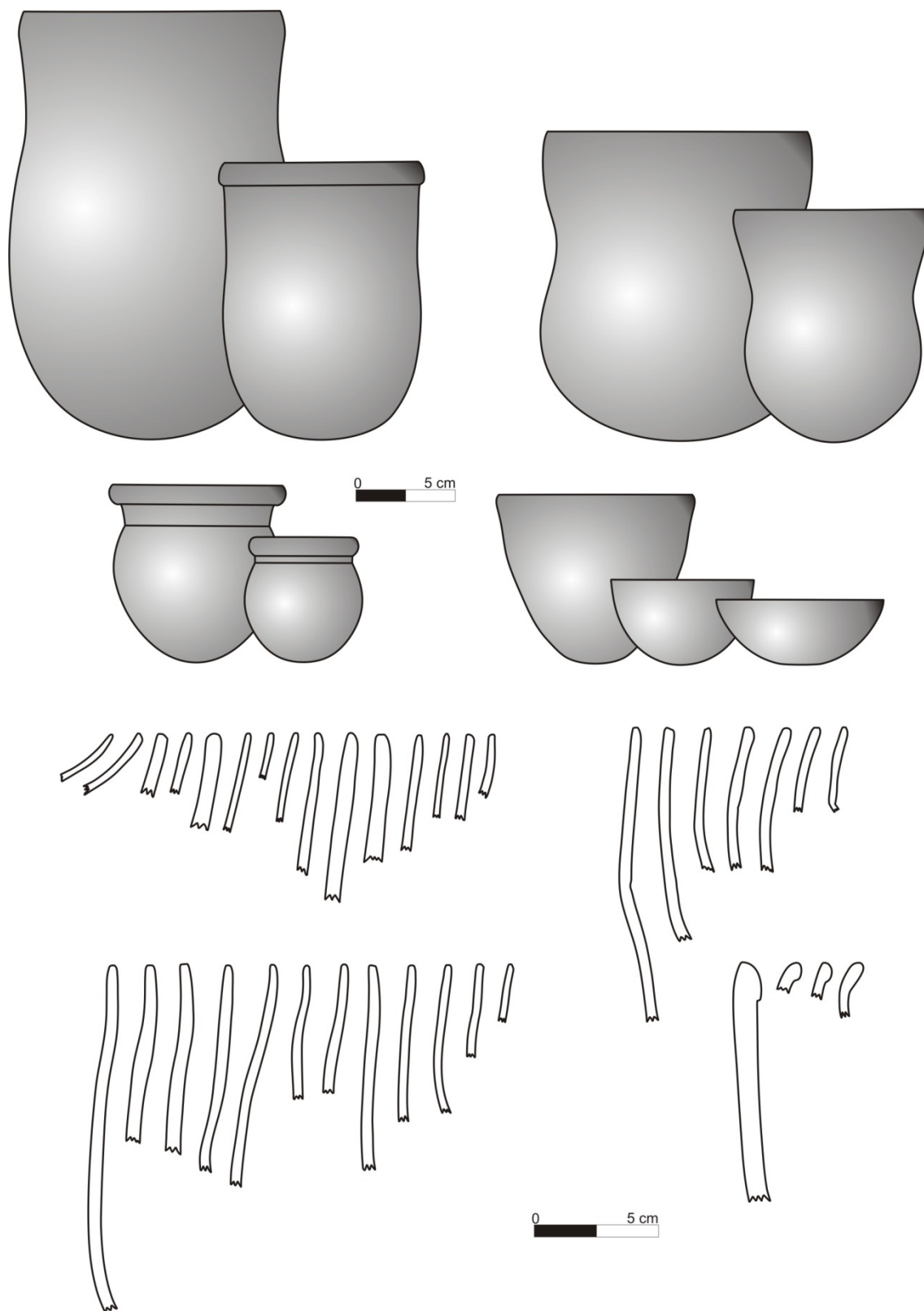


Figura 16. Em cima formas, em baixo bordas dos recipientes do corte 1 na casa 5 do SC-CL-51.

6. Cortes 2017 no entorno da casa 5, SC-CL-51

O corte 1 corresponde a 5 aberturas contíguas de 1 m² cada uma, distribuídas em forma de T, em continuação ao corte 3 de 1 m² de 2015 (Figuras 17 e 18).

Os cortes receberam letras correspondentes à sequência da escavação: o primeiro A, para um lado B, para o outro lado C, para o lado esquerdo deste D, para o lado direito E. O corte 3/2015 está situado no ângulo entre B e E, formando continuidade com eles.

O corte está no limite exterior do aterro da casa 5; o sedimento que forma o aterro penetra como uma cunha na estratigrafia deste, como se pode ver na figura 17. A estratigrafia se apresenta assim, de cima para baixo: uma camada areno-argilosa, marrom avermelhado, medianamente compacta, contendo a cerâmica; uma cunha de saibro grosso do aterro da casa, marrom amarelado, compacta, sem material arqueológico; o substrato natural argiloso, compacto, marrom avermelhado, sem material.

A estrutura construída para o fogo se compõe de um pouco mais de 30 seixos de basalto, do tamanho aproximado de um punho; não contém cerâmica nem carvão, que estão dispersos na camada superior. A estrutura se concentra na quadrícula C com pequenos avanços para as quadriculas D e E. Ela está entre a camada superior que concentra a cerâmica e o substrato natural do terreno. Não está claro se, para sua construção se fez um rebaixamento do solo, rompendo a cunha de saibro, ou se ele foi construído diretamente na superfície do solo onde o saibro do aterro não mais alcançava.

Foi recuperada a seguinte cerâmica: 57 fragmentos Simples e 1 em espinha de peixe no 1B; 16 Simples no 1D; 29 Simples, 1 pinçado no 1E.

Na quadrícula 3/2015 tinham sido recolhidos 41 fragmentos cerâmicos Simples, 1 em espinha de peixe, além de 46 pequenos objetos líticos em pequenas estruturas de fogo com carvão (Schmitz *et al.* 2016a: 14).

Com a presente escavação foi possível perceber que, realmente, se tratava de uma estrutura maior, com 161 fragmentos cerâmicos Simples, 2 em espinha de peixe e 1 pinçado, uma verdadeira cozinha externa para a casa 5.

O corte 2, de 1 m², entre a casa 5 e a casa geminada 3-4, rendeu 13 fragmentos cerâmicos Simples, 1 com cestaria impressa; lítico: 1 lasca grande, 1 lasca pequena, 1 seixo grande, 1 seixo médio, 6 objetos médios, 1 fragmento de calcedônia, 10 cristais lascados. (Figura 19)

O corte 3, de 1 m², entre a casa 5 e a casa geminada 1-2. Nela podemos oferecer outro perfil do solo externo às casas, sem interferência do aterro.

Nível 1: Sedimento areno-argiloso com muitas raízes pequenas e médias. Cor: marrom avermelhado. Consistência: compacto. Material: 1 fragmento cerâmico.

Nível 2: Sedimento areno-argiloso com muitas raízes pequenas e médias. Cor: marrom avermelhado. Consistência: compacto. Material: 1 fragmento cerâmico.

Nível 3: Sedimento areno-argiloso com grandes raízes. Cor: marrom avermelhado. Consistência: compacto. Material: 15 fragmentos cerâmicos; de lítico 1 lasca pequena, 1 objeto pequeno, 2 médios, 1 grande, 2 quartzos. Com isto se alcançou o substrato natural. (Figura 20)

Comentários sobre a casa 5 e intervenções no entorno:

A cozinha externa (corte 1A-E/2017 e corte 3/2015), na borda do aterro da casa 5, está no caminho para a água, que é um banhado distante 20 m. A grande estrutura de fogo com sua abundante cerâmica, permite relativizar as estruturas de cocção do interior da habitação; ela e os outros cortes externos indicam que parte das atividades cotidianas se desenvolvia fora da habitação, em ambiente menos apertado, mais arejado e com acesso mais fácil à água. A intervenção foi insuficiente para descobrir se as casas geminadas e a pequena casa também possuíam cozinha externa.

A quantidade de cerâmica no interior da casa 5, da casa 4 e na cozinha externa são indicadores de estabilidade residencial na segunda ocupação.

As mais frágeis estruturas de fogo das outras três casas escavadas sugerem maior transitoriedade ocupacional. Por falta de mais datas é impossível avaliar sua relação com os espaços densamente ocupados.

O fato de a cerâmica no interior da casa permanecer nas estruturas que a sustentavam, e de conservar dentro dela considerável quantidade de alimentos, pode indicar que a habitação foi abandonada rapidamente, sem tempo para aproveitar o alimento.

É interessante a hipótese de a casa 1 ter sido utilizada para cremação ou deposição de cinzas de cremados, fato que também poderia estar ligado ao abandono rápido do assentamento, ou à falta de segurança para um ritual em aterro-plataforma.



Figura 17. Corte 1A-E, SC-CL-51, 2017



Figura 18. A estrutura do fogão,



Figura 19. Corte 2, de 1 X 1 m, SC-CL-51, 2017.



Figura 20. Corte 3 de 1 X 1 m, SC-CL-51, 2017.

9. As casas 7 e 8 do SC-CL-51

A casa geminada 7 e 8, descoberta em 2017, dista aproximadamente 250 m das outras casas do SC-CL-51. Sobre pequena ondulação do terreno, perto de um banhado, compõe-se de uma casa geminada, cuja casa maior tem 7 m de diâmetro e 1 m de profundidade e a menor 3 m de diâmetro e 0,5 m de profundidade; elas estão separadas por 1 m de parede e tem um aterro comum. Estão na beira de um caminho (aceiro) na mesma plantação de pinus em que está a casa 5 do SC-CL-50, que também dista uns 250 m, mas em outra direção. Além do registro não houve nenhuma intervenção. (Figura 21)

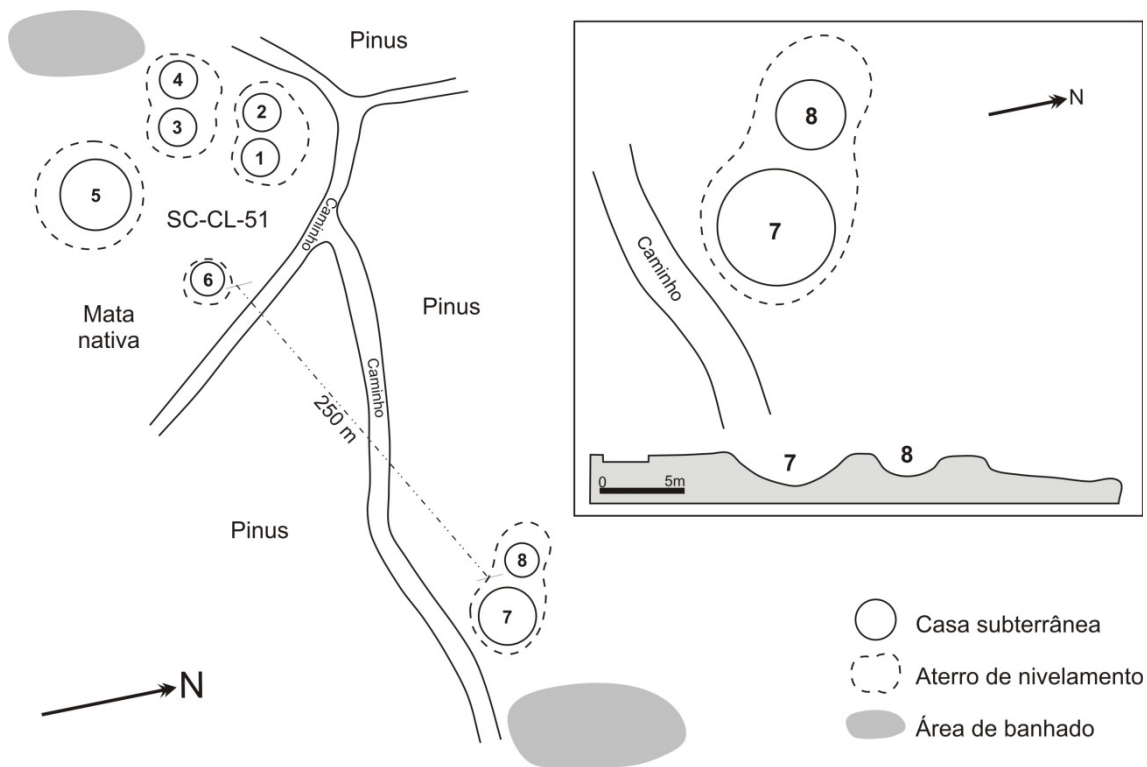


Figura 21. A casa geminada 7 e 8 do sítio SC-CL-51.

6. Intervenção na casa 5 do sítio SC-CL-50

A casa 5 aparece como rasa calota de esfera de 10 x 9,5 m com 1,5 m de profundidade antes da escavação, numa plantação de pinus já quase adultos, sobre uma ondulação do terreno que se inclina suavemente em todas as direções (Figura 22). Ela dista menos de 100 m do sítio SC-CL-51 e outro tanto das outras 4 casas do SC-CL-50. Nas publicações anteriores ela não constava por ter sido encontrada posteriormente.

Como ela está no topo da ondulação seu aterro é relativamente largo e raso, sendo mesmo difícil reconhecer seu limite externo por causa da palha de pinus que o cobre. O interior e entorno imediato estavam sem vegetação. Três lados, com exceção do lado norte, onde continua a plantação de pinus, ainda tem restos de mata, empobrecida pela ação do gado, que ali circula. Água para uso doméstico estava disponível em banhado, a 30 m de distância.

A ação do colonizador não parece ter impactado maiormente o sítio; a plantação de pinus parece ter sido a primeira grande intervenção no terreno. De sua plantação restou um pequeno vidro, em pé no centro da depressão.

A casa foi inicialmente limpa da palha do pinus e foi instalado, a partir do centro, um gomo de 2 x 2 m, ao qual se encostou, depois, outro de 1 x 2 m a partir do mesmo centro, mas na direção contrária. Assim se formou uma superfície de trabalho de 3 x 2 m, que cobria o centro da casa e avançava sobre a parte baixa da parede.

A remoção dos sedimentos foi por decapagem, sem mover os objetos. O material foi numerado e plotado, a cerâmica em sequência numérica com a indicação da face exposta, se interna ou externa e registrado em planilhas milimetradas e fotografado. O material lítico foi identificado numa sequência de letras do alfabeto. A cerâmica, o lítico e o carvão assim identificados foram guardados em sacos plásticos etiquetados. O perfil foi desenhado e fotografado.

A estratigrafia foi assim descrita:

Nível 1, quadrículas 1 e 2 (Figuras 23 e 27):

Nível inicial com presença de matéria orgânica e pequenas raízes em quase toda a superfície. O sedimento tem compactação pequena e cor escura nos primeiros 5 cm, passando a compactação leve e muita cerâmica. Um bloco arredondado, solto, bastante grande começa a aparecer. Alguns grãos de carvão de 1 a 1,5 cm de diâmetro, que não foram recolhidos.

Material: Na quadrícula 1, perto do centro da casa, junto ao bloco, foram encontrados muitos fragmentos cerâmicos pertencentes a uma só vasilha, ali deixada por ocasião do abandono da casa. Na quadrícula 2 apareceu cerâmica mais dispersa, ocupando tanto a parte central da casa, como a parede ascendente. O material lítico é pouco.

Nível 2, quadrículas 1 e 2 (Figuras 24 e 27):

O sedimento é areno-argiloso, pouco compactado, com granulometria média a fina, coloração variando do bruno-acinzentado escuro nas áreas de concentração de cerâmica e carvão, para bruno na periferia dessas concentrações. Não há perturbações por raízes, aparecendo só radículas que partem das raízes do pinus.

A cerâmica aparece dispersa excetuando três conjuntos mais densos. Material lítico aparece na quadrícula 2 na parte correspondente ao centro da casa.

Nível 3, quadrículas 1 e 2 (Figura 27):

Os sedimentos são mais compactos, claros, com presença de saibro na parte que corresponde à parede ascendente da casa; e mais frouxos, escuros e arenosos junto à concentração de material arqueológico na parte que corresponde às áreas de atividades do centro da casa. Nesta parte começou a aflorar um grande bloco de basalto do substrato.

A cerâmica, além da dispersa pelas quadrículas, forma um aglomerado no centro da casa na quadrícula 1 e outro aglomerado na proximidade do centro da casa na quadrícula 2. Os aglomerados de cerâmica estão associados a vestígios de combustão. O material lítico, geralmente disperso, oferece maior concentração no centro da casa, junto a um núcleo de lascamento.

Nível 4, quadrículas 1 e 2 (Figuras 26 e 27):

O sedimento é saibro, cores entre amarelo, alaranjado e vermelho, associado a grânulos de carvão. Duas estruturas de combustão foram verificadas na quadrícula 1: uma, formada por blocos, lascas e pouca cerâmica; a outra, formada principalmente por blocos e lascas.

Ao bloco rochoso do substrato, que apareceu no nível anterior, foram agregados vários blocos menores para constituir um círculo rochoso a partir do qual se organizou a ocupação da casa. O aparecimento do bloco, impedindo o aprofundamento do piso, pode ser considerado responsável pela forma da casa: ampla e rasa.

Material: a cerâmica quase desaparece ao passo que se multiplica o lítico, especialmente na quadrícula 1, com lascas usadas para composição de fogões.

O perfil exposto após a escavação dos quatro níveis é bastante simples, sendo composto por duas camadas.

A camada 1 apresenta sedimento argilo-arenoso, pouco compactado, de coloração marrom. Na camada foram encontrados materiais arqueológicos, caracterizando-o como camada arqueológica. 20 cm de espessura.

A camada 2 apresenta sedimento argilo-arenoso, compacto, de coloração variando entre marrom escuro e marrom claro. Associados ao sedimento foram identificados pequenos blocos de basalto em decomposição (saibro). Camada arqueológica densa. 20 cm de espessura.

As planilhas dos níveis mostram a distribuição do material. Neles se percebem agrupamentos de fragmentos cerâmicos, de vasilhas quebradas no lugar, e conjuntos de objetos líticos lascados. Não há material polido. No canto superior direito da planilha do

nível 2 se registra um local de lascamento com um grande núcleo, mas, em geral, o material lítico está distribuído no espaço. Ele aparece mais nos níveis 3 e 4 não por ser mais antigo, mas por ter menor volume que a cerâmica. Só existe uma ocupação. A relação dos materiais é sempre com o centro da casa, onde aflorava o bloco inamovível, cercado por blocos menores, móveis.



Figura 22. A casa 5 do SC-CL-50 numa plantação de pinus; ao fundo restos de mata original.



Figura 23. Quadrícula 1, nível 1: panela quebrada



Figura 24. Quadrículas 1 e 2: material do nível 2, nas duas quadrículas.



Figura 25. Quadrícula 2, nível 2, detalhe



Figura 26. Quadrícula 1 e 2: nível 4, blocos.

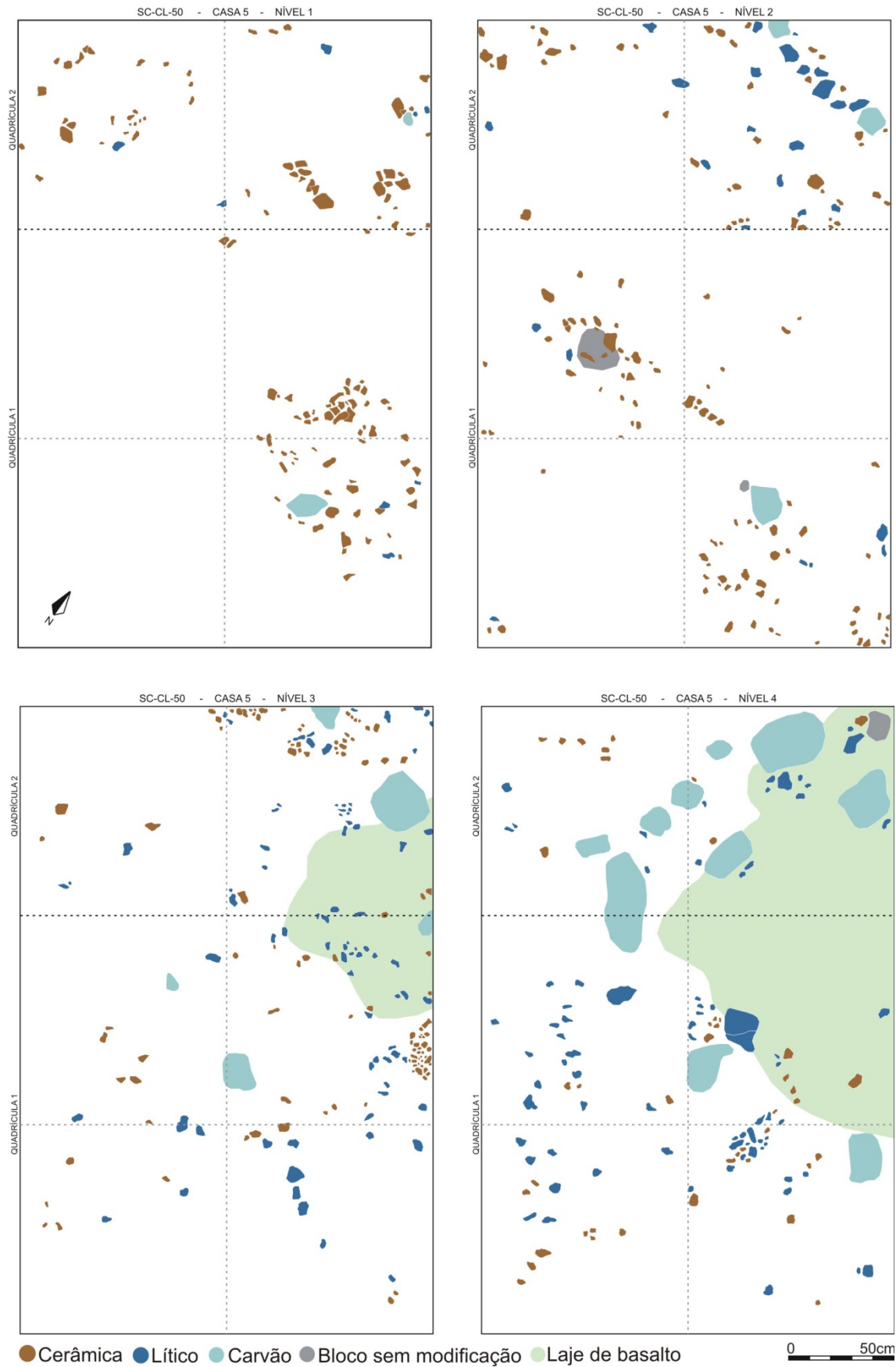


Figura 27. Registro dos materiais das quadrículas 1 e 2, níveis 1, 2, 3 e 4 da casa 5 do SC-CL-50.

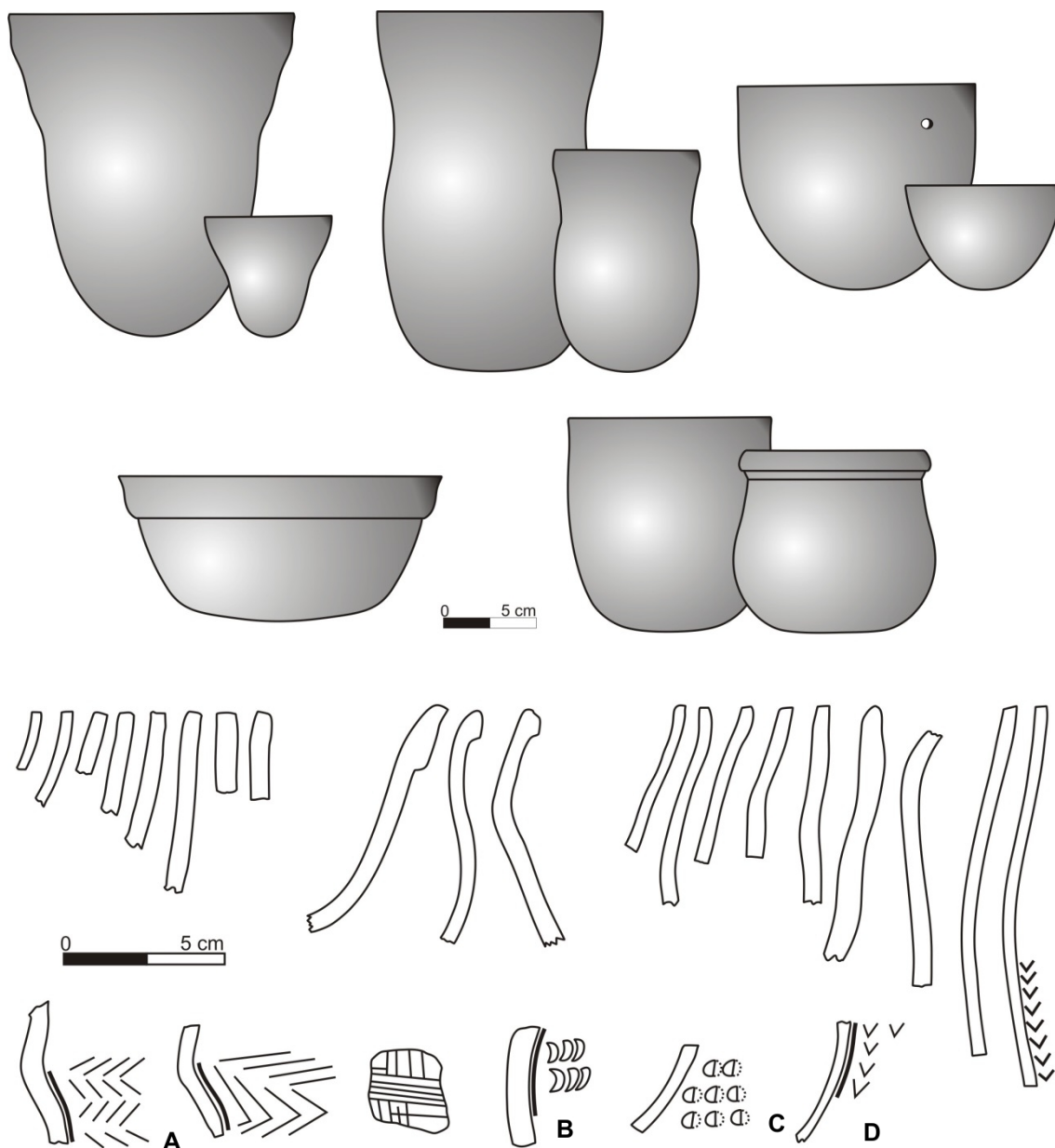


Figura 28. Em cima formas, em baixo bordas e decoração da cerâmica da casa 5 do sítio SC-CL-50.

7. A cerâmica da casa 5 do sítio SC-CL-50 (Figura 28)

O tamanho máximo dos fragmentos é inferior a 5 cm, com exceções, que podem alcançar 7 cm. Eles também sofreram pequena erosão superficial e não apresentam tantas crostas ou películas escuras como os da casa 5 do SC-CL-51.

O antiplástico é formado por areia proveniente da decomposição de basalto com mais ou menos quartzo e hematita, em densidades também variáveis. A pasta produzida é bem consistente.

A queima é oxidante incompleta, produzindo tonalidades de marrom que vão de pardacento a totalmente preto.

A forma das vasilhas segue o padrão geral descrito anteriormente, com três variações: A) Predomina a vasilha vertical, de paredes finas, com suave inflexão na borda, lábio plano, sem reforço, base muito raramente engrossada, proporção abertura x profundidade aproximadamente 2 x 3, capacidade de 0,5 a 5 litros. B) Lábio externamente reforçado e inflexão da borda que pode transformar-se em gargalo, produzindo vasilhas

com capacidades até 0,5 litros. C) Vasilhas semiesféricas, sem inflexão, proporção de aproximadamente 1 x 1, capacidade menor que 0,5 litros.

Especialmente vasilhas grandes, muito usadas, da variedade A, quando quebravam, podiam ser remendadas para novo uso. Para tanto se faziam furos nos fragmentos correspondentes e se costuravam com um fio ou uma fibra. Há vasilhas grandes com vários furos.

Os fragmentos da mesma vasilha são encontrados, predominantemente, agrupados no lugar em que a vasilha quebrou, com pequeno deslocamento espacial, o que permite estimar a quantidade de vasilhas abandonadas, usando acabamento de superfície, espessura, cor, antiplástico, proximidade de deposição dos fragmentos. O exercício resultou em aproximadamente 30 vasilhas, ou conjuntos.

Na lista abaixo indicamos se os fragmentos da vasilha ou do conjunto estavam agrupados ou dispersos e em que quadrícula. Quando não se indica outra coisa, os fragmentos correspondem a vasilhas externamente alisadas (Simples). Sob a designação de impressão de cestaria juntamos os fragmentos com impressões plásticas que aparecem como pinçados, ponteados, ungulados regulares ou irregulares, separando-os dos incisos, geralmente, mas não sempre, em espinha de peixe. Raramente aparece brunido, banho ou pintura, que não registramos por serem difíceis de observar.

Vasilha 01

5 fragmentos de borda, correspondendo a mais de metade da vasilha e 4 fragmentos de corpo. *Fragmentos dispersos nas duas quadrículas.*

Antiplástico: areia muito fina com pouca hematita.

Cor: 5/2, fator 10YR externa e internamente.

Forma: variedade B, espessura da parede 3 mm, abertura da boca 10 cm, exterior e interiormente alisado.

Vasilha 02

1 fragmento de bojo. *Sobre a rocha central, quadrícula 1.*

Antiplástico: areia densa com grãos de quartzo até 2 mm.

Cor: 5/6, fator 7.5YR.

Forma: variedade A, espessura da parede 4 mm, abertura do bojo 22 cm, exteriormente impressão de cestaria, internamente alisada.

Vasilha 03

2 fragmentos de corpo. *Na periferia, quadrícula 2.*

Antiplástico: areia fina.

Cor: 4/1, fator 5YR.

Forma: variedade A, espessura da parede 5 mm, abertura de bojo 10 cm, exteriormente impressão de cestaria, internamente alisada.

Vasilha 04

3 fragmentos de bojo/base. *Estavam próximos uns dos outros na quadrícula 2.*

Antiplástico: areia fina.

Cor: 4/1, fator 5YR.

Forma não reconhecida, espessura da parede 3 mm, bojo/base com 8 cm de abertura, exterior com pequenos sulcos de fundo arredondado, interior bem liso.

Vasilha 05

5 fragmentos pequenos de bojo/base. *Estavam próximos, nas quadrículas 1 e 2, formando grande parte de uma pequena vasilha.*

Antiplástico: areia fina.

Cor: 4/1, fator 5YR.

Forma não reconhecida, espessura da parede 2 mm, abertura do bojo 10 cm, exterior e interior alisados.

Vasilha 06 e 6A

Fragmentos de inflexão. *Dois fragmentos na quadrícula 1, 5 fragmentos na quadrícula 2.*

Antiplástico: areia com grãos de até 1 mm.

Cor externa: 5/6, interna: 3/1, fator 7.5YR.

Forma: variedade A, espessura da parede 4 mm, abertura da boca 8 cm, exterior, a partir da inflexão, espinha de peixe pequena e densa, interior polido preto.

Vasilha 07

5 Fragmentos, 2 são bordas. *Na quadrícula 1.*

Antiplástico: areia média.

Cor externa: 5/6, interna: 4/2, fator 7.5YR.

Forma: variedade A, espessura da parede 3,5 mm, abertura da boca 6 cm, exterior espinha de peixe maior, a partir da inflexão, interior polido.

Vasilha 07-a

2 fragmentos. *Separados, na periferia.*

Antiplástico: areia média.

Cor interna: 3/1, externa 5/1, fator 5YR.

Bem erodidos.

Forma não reconhecida, espessura da parede 2,5 mm, exterior espinha de peixe, interior alisado.

Vasilha 08

1 fragmento. *Na periferia.*

Antiplástico: areia média.

Cor externa: 5/1, interna 3/1, fator 5YR.

Forma: não reconhecida, espessura da parede 2,5 mm, exterior espinha de peixe diferente, interior alisado,

Vasilha 09

3 fragmentos. *Periferia, quadrícula 2.*

Antiplástico: areia muito fina.

Cor externa: 4/2, interna 4/2, fator 5YR.

Forma: não reconhecida, espessura da parede 3 mm, bojo com abertura de 10 cm, exterior cestaria impressa, interior liso, com marcada crosta.

Vasilhas 10, 10A, 10B

2 fragmentos de borda colados. *Periferia, quadrícula 2.*

Antiplástico: argila com pequenos grânulos de hematita.

Cor externa 5/3, interna 3/2, fator 10YR.

Forma: variedade B, espessura da parede 6,5 mm, abertura da boca 20 cm, exterior e interior lisos, um pouco erodidos.

10 outros fragmentos com antiplástico hematita, que parecem formar outra vasilha (10A), *na quadrícula 1.*

2 outros fragmentos que formam mais uma vasilha (10B), *na quadrícula 1.*

Conjunto de vasilhas 11

53 fragmentos de base de várias panelas não identificadas. *Principalmente no centro da casa, nas duas quadrículas, onde várias vasilhas foram identificadas por suas bordas.*

Antiplástico: areia fina/média.

Cor externa 5/4, fator 7.5YR.

Forma não reconhecida, espessura da parede 1,5 a 2 mm, abertura de um bojo 16 cm, Interior e exteriormente lisas, crosta internamente.

Vasilha 12

5 fragmentos de borda. *Distribuídos nas duas quadrículas.*

Antiplástico: areia fina densa.

Cor externa e interna: 5/3, fator 10YR.

Forma: variedade B, espessura da parede 4 mm, abertura da boca 10 cm, alisado externa e internamente, pequena mancha escura externa.

Vasilha 13

2 bordas coladas. *Periféricas na quadrícula 2.*

Antiplástico: areia fina/média.

Cor externa: 4/2, interna: 3/2, fator 10YR.

Forma: variedade B, espessura da parede 6 mm, abertura da boca 10 cm, alisado externo e internamente, restos escuros internamente.

Vasilha 14

3 fragmentos de borda. *Centro da quadrícula 2.*

Antiplástico: areia fina/média.

Cor externa: 4/2, interna 2/1, fator 10YR.

Forma: variedade A, espessura da parede 2,5 cm, abertura da boca 12 cm, alisado externa e internamente.

Vasilha 15

4 fragmentos, sem borda. *Dispersos na quadrícula 1 e 2.*

Antiplástico: areia fina/média.

Cor externa 5/4, interna 3/1, fator 10YR.

Forma: não reconhecida, espessura da parede 3 mm, interno alisado, externo pinçado fino.

Vasilha 16

34 fragmentos. *Centro da quadrícula 1.*

Antiplástico: areia fina.

Cor externa 4/3, interna crosta 2/1, fator 10YR.

Forma não reconhecida, base arredondada, espessura da parede 2,5 mm, liso interno, pinçado grande externo/alisado.

Vasilha 17

5 bordas e 1 fragmento. *Centro quadrícula 1*

Antiplástico: areia fina/média.

Cor externa: 4/3, interna 3/3, fator 10YR.

Forma: variedade C espessura da parede 5 mm, abertura da boca 22 cm, 2 fragmentos lisos, 1 pinçado baixo regular.

Vasilha 18

8 bordas, quadrícula 1.

19 fragmentos. *Centro, quadrícula 1.*

Antiplástico: areia fina/média.

Cor externa e interna: 5/3, fator 10YR.

Forma: variedade A, espessura da parede 3-4 mm, abertura da boca 18 cm, externa e internamente alisados, película escura externa semelhante a brunido.

Vasilha 18-a

5 bordas. *Centro, quadrícula 1.*

Forma: variedade C, espessura da parede 5 mm, abertura da boca 10 cm, externa e internamente alisados.

Conjunto de vasilhas 19

Todos os fragmentos, provenientes de diversas vasilhas, no Centro principalmente na quadrícula 1.

9 bordas; 10 fragmentos transição de gargalo simples para bojo pinçado; 7 fragmentos pinçados; 7 fragmentos de base alisada, com crosta interna; 7 fragmentos alisados externamente, internamente limpos; 1 fragmento de base pinçada.

Antiplástico: areia fina.

Cor externa e interna: 5.2 e 5/3, fator 7.5YR

Forma: variedade A, espessura das paredes 3 mm, abertura da boca 16 cm, parede externa, especialmente o pinçado, com fuligem bem escura, menos na inflexão e na base.

Conjunto de vasilhas 20

Fragmentos de bordas, bojos e bases, provavelmente de mais de uma vasilha, talvez 4 pelo agrupamento feito.

1 fragmento de bojo/base, *quadrícula 1*;

20 fragmentos de bordas, *na quadrícula 1*;

32 fragmentos. *Diversos lugares na quadrícula 1*;

16 fragmentos. *Todos da quadrícula 2*.

Antiplástico: areia fina/média, bem regular e aparente por causa de erosão suave, mas generalizada. Sobressaem alguns grãos maiores de quartzo maiores e de hematita.

Cor externa: 4/1, 4/3, 5/3, interna até 2/5, fator 5YR. Alguns fragmentos estão escuros 2/5 interna e externamente.

Forma: variedade A, espessura da parede 4 a 5 mm, excepcionalmente 6 mm, abertura da boca 14 cm, alisado interna e externamente às vezes com estrias de alisamento em ambas as faces. Um furo na parte superior da borda.

Vasilha 21

3 fragmentos de borda colados; 2 fragmentos de uma borda. *quadrícula 1*.

Antiplástico: areia grossa.

Cor externa e interna: 5/2, fator 7.5YR, 1 fragmento 3/1 internamente.

Forma: variedade A, espessura 3 mm, abertura de boca 8 cm, alisado externa e internamente.

Vasilha 22

Há fragmentos de todas as partes de vasilhas, talvez de mais de uma.

3 fragmentos da *quadrícula 1*;

24 fragmentos da *quadrícula 2*.

5 fragmentos de bordas, todas da *quadrícula 2*.

Antiplástico: areão com fragmentos irregulares de quartzo de 1 a 5 mm e de hematita, resultantes da decomposição de basalto.

Cor interna e externa variando de 6/2 a 4/1, fator 7.5YR. Há fragmentos totalmente escuros interna e externamente. Há um fragmento mais vermelho (4/6).

Forma: variedade A, espessura da parede 3 a 4 mm, abertura da boca 22 cm, alisada externa e internamente.

Vasilha 23

2 fragmentos de borda. *Centro, quadrícula 2*.

Antiplástico: areia média

Cor: 6/2, fator 7.5YR.

Forma: variedade A, espessura da parede 4 mm, abertura da boca 20 cm, alisada externa e internamente.

Conjunto vasilhas 24

12 fragmentos de bases e corpos de panelas. *Espalhadas na quadrícula 2*.

Antiplástico areia fina/média.

Cor externa: 5/4, 4/4, interna: 4/ e 3/, fator 2.5YR

Forma não definida, espessura da parede 4 mm, alisado externo e interno.

Vasilhas 25 e 25A

27 fragmentos da *quadrícula 2*.

3 bordas finas; 3 bordas grossas que colam. *Bordas da quadrícula 2*.

Antiplástico: areia fina/média. Geralmente pouco erodidos.

Cor interna e externa 3/, fator 7.5YR. Cor escura, mas não é brunido.

Forma: duas vasilhas, variedade A; vasilha 25, espessura 4 mm, abertura 10 cm; vasilha 25A, espessura 6 mm, abertura 16 cm, alisadas externa e internamente.

Vasilha 26

17 fragmentos. *Centro, na quadrícula 1.*

Antiplástico: areia fina/média.

Cor externa 5/4 a 3/6, fator 2.5YR, interna 3/.

Talvez mais de uma vasilha.

Forma não definida, em parte parede, em parte base, espessura 6 a 9 mm, alisado externo e alisado interno com crosta.

Vasilha 27

5 fragmentos, sem bordas. *Dispersos na quadrícula 1.*

Antiplástico hematita média a densa.

Cor interna e externa 6/6 e 5/6m, fator 2.5YR.

Forma não reconhecida, espessura da parede 4 a 6 mm, alisado externa e internamente.

Vasilha 28

10 fragmentos. *Distribuídos, periferia na quadrícula 1.*

Antiplástico: hematita média a densa.

Cor interna e externa 5/2 e 5/4, fator 7.5YR.

Forma não reconhecida, espessura 4 a 5 mm, alisado externa e internamente, internamente um pouco de crosta.

Vasilhas 29, 29A e 29B

13 fragmentos, uma vasilha, *quadrícula 1.*

3 fragmentos, uma vasilha, *quadrícula 1.*

5 fragmentos de borda, terceira vasilha. *quadrícula 2.*

Antiplástico: areia fina.

Cor interna e externa: 5/2 a 5/4, fator 7.5 YR

São, ao menos, 3 vasilhas: 29, 29A e 29B.

Forma: variedade C, espessura 2 a 3 mm, abertura 8 mm, alisado externa e internamente.

Fragmentos avulsos

1 fragmento pinçado bem erodido. Antiplástico grosso. Cor externa 4/4, interna 3/4, fator 2.5YR. Espessura: 5 mm. *Centro, quadrícula 1.*

1 fragmento Simples, bojo. Antiplástico areia fina/média. Cor externa e interna 6/2. Espessura: 4 mm. *Centro, quadrícula 1.*

1 fragmento Simples, bojo. Antiplástico hematita média. Cor externa 5/2, interna 5/4, fator 7.5YR. Espessura 4 mm. *Centro, quadrícula 2.*

1 fragmento Simples, bojo. Antiplástico variado com grãos que parecem de basalto, carvão e areia. Cor externa 7/6, interna 4/, fator 7.5YR. *Quadrícula 1.*

1 fragmento Simples, bojo. Antiplástico areia fina. Cor externa e interna 5/2, fator 7.5 YR. Espessura: 4 mm. *Quadrícula 2.*

1 fragmento simples, bojo. Antiplástico areia fina. Cor externa e interna 5/4, fator 7.5YR. *Quadrícula 2.*

7. Cortes na periferia da casa 5, SC-CL-50.

Corte 1, de 1 m².

Na borda do aterro da casa, 4,30 m em direção W, em meio ao pinus.

Nível 1: Sedimento areno-argiloso, marrom claro, consistência mediana para compacta com raízes de pequeno porte. Material: 2 lascas bonitas.

Nível 2: Sedimento desagregado, de coloração amarelada, saibro do aterro da casa. Material: 7 objetos líticos.

Nível 3: Sedimento areno-argiloso, coloração clara, consistência compacta, do substrato natural. Material: Lascas e quartzo.

No perfil aparecem as seguintes camadas:

Camada 1: areno-argilosa marrom clara.

Camada 2: saibro do aterro da casa.

Camada 3: areno-argilosa marrom clara do substrato.

Fotos Schmitz: 697.

Corte 2, de 1 m².

A 6 m da borda da casa em direção SE, na borda da mata, logo após o aterro, que ali é mais alto.

Nível 1: Sedimento areno-argiloso com matéria orgânica, coloração marrom claro, consistência frouxa, raízes pequenas. Material: 2 objetos líticos.

Nível 2: Sedimento areno-argiloso, marrom claro, consistência frouxa, menos raízes. Material: 2 fragmentos cerâmicos e 2 líticos.

Num canto foi realizado um aprofundamento; as características continuam as mesmas.

No perfil temos novamente duas camadas: A superior areno-argilosa marrom amarelada; a seguinte saibro amarelado.

Comentários sobre a casa 5 do SC-CL-50:

A casa tem tamanho médio para grande e é rasa. Sua pouca profundidade é devida ao aparecimento de um bloco irremovível de basalto da coluna dorsal da pequena elevação do terreno. As casas 1, 2 (fundas) e 3 (mais rasa) do mesmo sítio não encontraram a rocha, mas a 4 foi cavada diretamente na pedra. Não é frequente a escavação terminar ou ser escavada na rocha. Geralmente elas são escavadas em saibro ou argila, provenientes da decomposição do basalto local.

Os construtores, ao encontrar o bloco de basalto bem no meio da escavação da casa, acrescentaram ao mesmo 10 blocos menores, transformando o obstáculo inicial num piso circular de uns 2 m de diâmetro, que passou a ser referência para a ocupação.

A cerâmica e o lítico recuperados com certa abundância correspondem à ocupação de um grupo familiar por certo tempo, um ou mais anos. Como o piso é abaulado, o material está mais acumulado no centro, mas também se estende à parte levemente ascendente. Observando a distribuição dele é possível reconstituir algumas estruturas internas, como lugares de fogo e de retalhamento.

Para conseguir altura adequada, a construção deveria ser cupuliforme, com as paredes implantadas no aterro circundante a alguma distância da borda impedindo assim a invasão pela água das chuvas. As paredes funcionando como rampas facilitariam a entrada por qualquer lado.

Os dois cortes feitos no entorno oferecem amostra pequena demais para falar sobre uso do espaço externo. Possivelmente a casa tenha estado isolada; caso não, sua ligação poderia ter sido tanto com o SC-CL-50, como com o SC-CL-51. porque dista igualmente duma e da outra.

A cerâmica é semelhante à que foi recuperada na camada superior da casa 3 do sítio e à recuperada nas várias casas do sítio SC-CL-51, pertencentes a uma ocupação no século XVII, que teria reunido diversas habitações, espalhadas sobre a parte mais alta dos terrenos da Boa Parada. No abandono final da casa, nela, como em outras do período, também foi abandonada uma grande vasilha cerâmica.

8. Sítio Anita Ribeiro Branco

O sítio está na encosta alta de um morro, à direita de quem chega à cidade pela rodovia BR-282 procedente de Lages. Encontra-se numa propriedade rural pertencente à viúva Anita Ribeiro Branco que, depois de criar os sete filhos, vive ali sozinha.

O sítio compõe-se de duas casas, ambas com aproximadamente 6 m de diâmetro e uns 3 m de profundidade, cavadas na rocha e com paredes verticais. A localização da primeira casa: coordenadas UTM 542326 E – 6939648N, altitude 945 m. Dele se consegue uma vista de 360° sobre toda a região. É a altura em que se encontra a maior parte dos sítios da região.

A casa de número 1 está em mata secundária, limpa, nascida depois de longos anos de cultivo; dentro dela só existem xaxins. A de número 2 está a 50 m, num pasto, separada da primeira por uma cerca de arame farpado; dentro dela existem algumas árvores, inclusive uma grande de *Podocarpus* (pinheiro brasileiro). (Figuras 29 e 30)

Cada uma das casas está sobre pequeno patamar natural, degrau que dá grande destaque à casa com seu aterro. Este não é grande, dista alguns metros da borda da casa e só existe no lado do declive do terreno para nivelar esta borda com a borda do aclive. Uma cobertura cupuliforme se levantaria sobre a parte mais alta do nivelamento produzido. A da primeira casa teria uns 12 m de diâmetro, a da segunda um pouco menos.

Aparentemente não há muito entulho dentro das casas porque as paredes foram cavadas na rocha com isso dificultando a atividade dos tatus; a água das enxurradas era desviada pela declividade do terreno que forma uma depressão entre as duas casas, por onde escoam as águas da superfície local e da alta encosta. Água não faltaria no assentamento: no alto do morro ainda existe uma nascente perene, que teria sido benzida pelo monge Antônio Maria e no sopé do morro, junto à sede da propriedade havia nascentes e banhados, que foram transformados em açudes para a criação de carpa-capim.

Observando a mata secundária no entorno da casa observaram-se poucas árvores nativas produtoras de frutas comestíveis, mas observando o campo de pastagem no entorno da segunda casa foram vistas plantas de guabiroba, goiaba da serra, guabiju, chal-chal e outras, que não parecem resultado da ocupação do colonizador atual.

Jairo e Raul fizeram medições de distâncias e juntaram dados para perfis transversais das casas e do terreno em que elas estão implantadas.

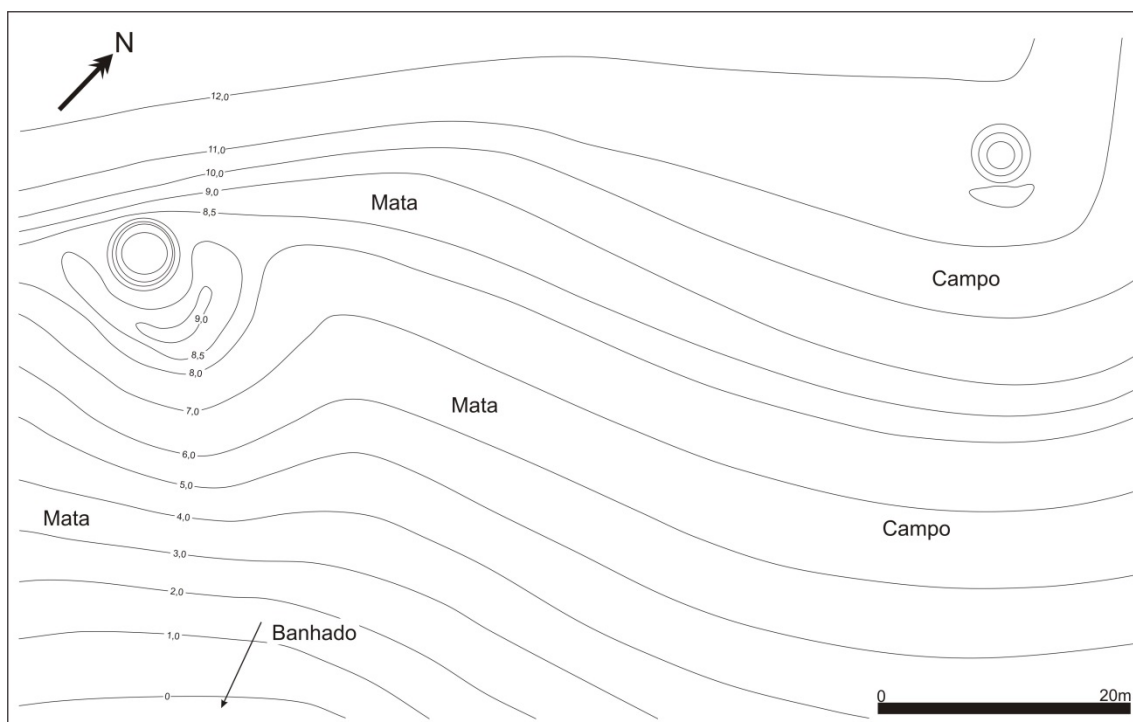


Figura 29. O sítio Anita Ribeiro Branco, curvas de nível de 1,00 m



Figura 30. A casa maior do sítio Anita Ribeiro Branco.

9. Discussão dos resultados

O conjunto e cada uma das intervenções, durante os últimos nove anos de trabalho em São José do Cerrito, produziram resultados que se foram somando em direção a uma visão do assentamento das populações ceramistas de etnia Macro Jê do Planalto Catarinense. Agora que existe maior conhecimento da cronologia, das estruturas de habitação e dos artefatos cerâmicos e líticos, tentamos mais uma abordagem usando a quantidade de cerâmica existente nos sítios e nas estruturas.

Em trabalho anterior (Schmitz et al., 2016A) foi proposta uma compreensão do povoamento em São José do Cerrito baseada na datação dos sítios. Ela mostrou um primeiro assentamento, ainda isolado, sem casas subterrâneas e sem cerâmica, datado de vários séculos a.C.; depois de mais de um milênio, um grande assentamento com numerosas casas subterrâneas, ainda sem cerâmica, com datas do século VI ao século X de nossa Era; a partir do século XI, até o século XVII de nossa Era, assentamentos com casas subterrâneas, montículos funerários e cerâmica.

Naquele trabalho observamos que nos séculos XI e XII havia casas grandes, nas quais conviviam famílias extensas, talvez toda uma tribo; a partir do século XIV até o século XVII, casas menores e casas geminadas, reunidas em assentamentos compostos por várias dessas estruturas, habitadas por grupos familiares que, no conjunto, formariam uma unidade semelhante à da casa grande do período anterior. O sítio SC-CL-51 pode ser tomado como amostra dessa forma de assentamento.

A expedição de 2017 procurou compreender melhor a ocupação das casas, os espaços entre elas, a relação entre as casas de um mesmo assentamento e com estruturas de assentamentos próximos.

O conjunto de informações conseguidas para a localidade de Boa Parada, onde se localizam os sítios do segundo milênio de nossa Era, convida para um refinamento dos resultados comparando a quantidade de cerâmica presente nas estruturas e no espaço externo a elas. Como a cerâmica obedece a um mesmo padrão construtivo e decorativo é

possível uma comparação quantitativa, usando como medida 1 m² de escavação. Reunimos o material em três grupos: séculos XI e XII; séculos XIV a XVI; século XVII.

Os quadros que acompanham cada grupo facilitam a visualização de seus dados.

Primeiro grupo: o sítio SC-CL-52, a casa 3 do SC-CL-50, o sítio SC-CL-56, o SC-CL-94, o aterro 3 do conjunto SC-CL-46

SC-CL-52, casa 1, escavação de 2013. 5 m² escavados. Datação 860 +- 30 A.P. (Beta-357350) e 870 +- 30 A.P. (Beta-351742). Cerâmica: 15 fragmentos Simples, 3 em cestaria impressa. Total 18 fragmentos. Por m² = 3,6 fragmentos.

Aterro-plataforma SC-CL-52A da casa 1, escavação de 2013. 3 m² escavados. Datação 960 +- 30 A.P. (Beta-370820), 920 +- 30 A.P. (Beta-411921) e 890 +- 30 A.P. (Beta-411918). Nenhuma cerâmica. Por m² = 0 fragmentos.

SC-CL-50, Casa 3, escavação de 2013 e 2015. 5 m² escavados. Datação da primeira ocupação: 910 +- 30 A.P. (Beta-351740). Nenhuma cerâmica? Por m² = 0 fragmentos.

SC-CL-56, casa 1, escavação de 2010. 5,5 m² escavados. Datação 830 +- 40 A.P. (Beta-242151). Nenhuma cerâmica. Por m² = 0 fragmentos.

SC-CL-94, montículo 1, escavação de 2010. 6 m² escavados. Datação 770 +- 40 A.P. (Beta-275576). 84 fragmentos Simples, 2 em cestaria impressa. Total 86 fragmentos. Por m² = 14,3 fragmentos.

Montículo 2, escavação de 2010. 1 m² escavado. Sem datação. Total 6 fragmentos Simples. Por m² = 6 fragmentos.

Montículo 3, escavação de 2010. 4 m² escavados. Sem datação. Total 4 fragmentos Simples. Por m² = 1 fragmento.

SC-CL-46, aterro-plataforma 3, escavação de 2013. 5 m² escavados. Datação 910 +- 30 A.P. (Beta-351742) e 690 +-30 A.P. (Beta-370819), com uma ocupação antiga e outra mais recente. Das duas ocorrências cerâmicas resultaram 143 fragmentos Simples, 1 em cestaria impressa. Total 144 fragmentos. Por m² = 28,8 fragmentos.

Sítio	Estrutura	Datações	Área escavada	Quantidade total de cerâmica	Média de fragmentos por m ²
SC-CL-52	Casa 1	870 +- 30 A.P. 860 +- 60 A.P.	5 m ²	18	3,6
	Aterro-plataforma	960 +- 30 A.P. 920 +- 30 A.P. 890 +- 30 A.P.	3 m ²	0	0
SC-CL-50	Casa 3	910 +- 30 A.P.	5 m ²	0	0
SC-CL-56	Casa 1	830 +- 40 A.P.	5,5 m ²	0	0
SC-CL-94	Montículo 1	770 +- 40 A.P.	6 m ²	86	14,3
	Montículo 2	--	1 m ²	6	6
	Montículo 3	--	4 m ²	4	1
SC-CL-46	Aterro-plataforma 3	910 +- 30 A.P. 690 +- 30 A.P.	5 m ²	144	28,8

Comentários:

O grupo reúne grandes casas e aterros funerários com nenhuma ou pouca cerâmica, do povoamento mais antigo da área, com datas do século XI e XII de nossa

Era. Em Schmitz *et al.* (2016A) se discutiu a associação entre as casas e os aterros funerários. As casas, com largos e altos aterros circundantes seriam habitadas por famílias extensas, de algumas dezenas de indivíduos, vivendo todos na mesma casa grande, cuja construção e utilização exigia grande investimento coletivo; com isso haveria baixa mobilidade residencial, mas considerável mobilidade estratégica na apropriação dos recursos necessários. A casa, com seu aterro-plataforma, ou 'danceiro', formaria todo o assentamento que dominaria o espaço de campo e mato circundante para seu sustento e segurança.

Os sítios do século XI estão na parte mais alta do terreno e se compõem de grandes habitações e aterros-plataforma. Os sítios do século XII estão na parte mais baixa do terreno e se compõem de uma grande habitação e de um 'danceiro' com quatro 'estruturas anelares'. A diferença nas estruturas e na cronologia dos dois conjuntos sugere que se trata de sociedades (ou tribos) diferentes, que se alternam ou sucedem no espaço.

Uma casa grande com aterros-plataforma do século XI existe também na comunidade Santo Antônio dos Pinhos, distante 19 km da Boa Parada. Não há dados suficientes para dizer se ela é simultânea aos da Boa Parada, ou alterna com eles.

Esta forma de assentamento pode representar uma primeira estabilização do assentamento, não mais sazonal, mas anual, firmado na exploração do ambiente que se enriquece com a expansão da floresta de Araucária sobre os campos de altura. As casas grandes dominariam esses novos capões.

Segundo grupo: Sítios SC-CL-43, SC-CL-45 e SC-CL-46

SC-CL-46, aterro-plataforma 1, escavação de 2013. 2 m² escavados. Datação 510 +- 30 A.P. (Beta-357346) e 580 +- 30 A.P. (Beta-351739). 22 fragmentos Simples, 1 em cestaria impressa. Total 23 fragmentos. Por m² = 11,5 fragmentos.

SC-CL-46, aterro-plataforma 2, escavação de 2013. 2 m² escavados. Datação 610 +- 30 A.P. (Beta-357351). 24 fragmentos Simples, 9 em cestaria impressa. Total 33 fragmentos. Por m² = 16,5 fragmentos.

SC-CL-43, casa 3. Escavações de 2008-10. 2,25 m² escavados. Datação 590 +- 40 A.P. (Beta-242152). Nenhuma cerâmica. Por m² = 0 fragmentos.

SC-CL-43, casa 4, escavações de 2008-10. 4 m² escavados. Datação 470 +- 50 A.P. (Beta-56216). Total 16 fragmentos Simples. Por m² = 4 fragmentos.

SC-CL-43, casa 5, escavações de 2008-10. 4 m² escavados. Datação 640 +- 40 A.P. (Beta-275575). Total 20 fragmentos Simples. Por m² = 5 fragmentos.

SC-CL-43, casa 6, escavações de 2008-10. 6 m² escavados. Sem datação. 1 fragmento Simples. Por m² = 0,16 fragmentos.

SC-CL-43, casa 7. Escavações de 2008-10. 2,7 m² escavados. 370 +- 40 A.P. (Beta-285996). Nenhuma cerâmica. Por m² = 0 fragmentos.

Sete cortes externos às casas 4 e 5 do SC-CL-43 sem nenhuma cerâmica.

SC-CL-45, casa 1. Escavações de 2013. 4 m² escavados. Datação 320 +- 30 A.P. (Beta-374021). Total 5 fragmentos Simples. Por m² = 1,25 fragmentos.

SC-CL-45, casa 7. 360 +- 30 A.P. (Beta-370822). 2 m² escavados. Total 3 fragmentos Simples. Por m² = 1,5 fragmentos.

Sítio	Estrutura	Datações	Área escavada	Quantidade total de cerâmica	Média de fragmentos por m ²
SC-CL-46	Aterro-plataforma 1	580 +- 30 A.P. 510 +- 60 A.P.	2 m ²	22	11,5
	Aterro-plataforma 2	610 +- 30 A.P.	2 m ²	33	16,5
SC-CL-43	Casa 3	590 +- 40 A.P.	2,25 m ²	0	0
	Casa 4	470 +- 50 A.P.	4 m ²	16	4
	Casa 5	640 +- 40 A.P.	4 m ²	20	5
	Casa 6	--	6 m ²	1	0,16
	Casa 7	370 +- 40 A.P.	2,7 m ²	0	0
SC-CL-45	Casa 1	320 +- 30 A.P.	4 m ²	5	1,25
	Casa 7	360 +- 30 A.P.	2 m ²	3	1,5

Comentários:

Os dois aterros-plataforma estão um ao lado do outro, no terreno alto em que também estão os do primeiro período. Apresentam utilizações repetidas. Não estão diretamente associados a casas, mas certamente serviam a elas.

Há um conjunto de casas na parte baixa do terreno (SC-CL-43), outro na encosta (SC-CL-45). As casas 4 e 5 do primeiro são geminadas; a casa 1 do segundo também é geminada com a 2. Embora mais afastados dos aterros-plataforma certamente os conjuntos de casas teriam neles seus locais de mito, culto e peregrinação.

As casas são pequenas, individualizadas, mas agrupadas. A ocupação das estruturas individuais é transitória, única ou repetida, sem cerâmica ou com reduzido número de vasilhas. Seus conjuntos, que podem ultrapassar dez unidades, não se formam de uma só vez, por uma atividade coletiva, mas em sucessivos acréscimos; eles substituem as grandes casas, que sozinhas formavam o assentamento.

A mobilidade residencial é maior que a do primeiro e a do terceiro momentos, como se a residência acompanhasse os movimentos estratégicos de abastecimento na mata agora expandida, oferecendo os mesmos recursos de forma generalizada, não mais em pontos restritos. O assentamento continua sendo a expressão de um modo de vida ligado à coleta e caça, ou manejo florestal.

Terceiro grupo: sítios SC-CL-51 e SC-CL-50

SC-CL-51, casa 5, escavação de 2015 e 2017. 4 m² escavados. Datação: 320 +- 30 A.P. (Beta-351741). Cerâmica: 2.105 fragmentos Simples, 105 de cestaria impressa, 35 incisos em espinha de peixe ou parecido. Total 2.237 fragmentos. Por m² = 559,2 fragmentos.

Casa 4, escavação de 2013. 3 m² escavados. Datação: 320 +- 30 A.P. (Beta-351741) Cerâmica: 317 fragmentos Simples, 11 de cestaria impressa, 3 incisos em espinha de peixe. Total 331 fragmentos. Por m² = 110,3 fragmentos.

Casa 2, escavação de 2015. 3 m² escavados. Sem datação. Cerâmica: 93 fragmentos simples, 18 de cestaria impressa. Total 111 fragmentos. Por m² = 37 fragmentos.

Casa 6, escavação de 2015. 3 m² escavados. Sem datação. Cerâmica: 43 fragmentos Simples, 5 de cestaria impressa. Total 48 fragmentos. Por m² = 15,7 fragmentos.

Casa 1, escavação de 2017. 2 m² escavados. Sem datação. Cerâmica: 16 fragmentos Simples, 1 em cestaria impressa, 1 espinha de peixe. Total 18 fragmentos. Por m² = 9 fragmentos.

Corte 1 junto da casa 5, escavação de 2015. 1 m² escavado = 1 fragmento simples. Por m² = 1 fragmento.

Corte 2 junto da casa 5, escavação de 2015. 1 m² escavado = 2 Simples. Por m² = 2 fragmentos.

Corte 3 junto da casa 5, escavação de 2015, mais corte 1A-E de 2017. 6 m² escavados. Cerâmica: 161 fragmentos Simples, 1 em cestaria impressa, 1 espinha de peixe. Total 163 fragmentos. Por m² = 27,2 fragmentos.

Corte 2 junto da casa 5, escavação de 2017. 1 m² escavado. Cerâmica: 13 fragmentos Simples, 1 em cestaria impressa. Total 14 fragmentos. Por m² = 14 fragmentos.

Corte 3 junto da casa 5, escavação de 2017. 1 m² escavado. Total 17 fragmentos Simples. Por m² = 17 fragmentos.

SC-CL-50, Casa 3, escavação de 2013 e 2015. 5 m² escavados. Segunda ocupação, sem data. Cerâmica: 197 fragmentos Simples, 11 em cestaria impressa. Total 208 fragmentos. Por m² = 41,6 fragmentos.

Casa 5, escavação de 2017. 6 m² escavados. Sem datação = 381 fragmentos Simples, 56 em cestaria impressa, 8 em espinha de peixe. Total 445 fragmentos. Por m² = 74,2 fragmentos.

Corte 1 junto da casa 5, em 2017. 1 m² escavado. Sem cerâmica. Por m² = Zero cerâmica.

Corte 2 junto da casa 5, em 2017. 1 m² escavado. Total 2 fragmentos Simples. Por m² = 2 fragmentos.

Sítio	Estrutura / Intervenção	Datações	Área escavada	Quantidade total de cerâmica	Média de fragmentos por m ²
SC-CL-51	Casa 1	--	2 m ²	18	9
	Casa 2	--	3 m ²	111	37
	Casa 4	320 +- 30 A.P	3 m ²	331	110,3
	Casa 5	320 +- 30 A.P	4 m ²	2237	559,2
	Casa 6	--	3 m ²	48	15,7
	Corte 1	--	1 m ²	1	1
	Corte 2 (2015)	--	1 m ²	2	2
	Corte 2 (2017)	--	1 m ²	14	14
	Corte 3 (2015) Corte 1A-E (2017)	--	6 m ²	163	27,2
	Corte 3 (2017)	--	1 m ²	17	17
SC-CL-50	Casa 3	--	5 m ²	208	41,6
	Casa 5	--	6 m ²	445	74,2
	Corte 1	--	1 m ²	0	0
	Corte 2	--	1 m ²	2	2

Comentários:

Os assentamentos estão sobre a mesma pequena ondulação de terreno, com água disponível a poucos metros. Falamos primeiro do sítio SC-CL-51, depois do SC-CL-50.

O núcleo central do sítio SC-CL-51 proporciona a melhor ideia de como teria sido uma aldeia do final do período. São 6 casas, sendo duas geminadas, agrupadas num espaço de 50 m de diâmetro. O material está mais denso dentro das casas do que no espaço externo a elas, mas também ali não é pouco. Nas casas 5 e 4 existe uma ocupação densa, marcada por abundante cerâmica e artefatos líticos, com datas da primeira metade do século XVII, ocupação que está sobreposta a uma anterior com pouca cerâmica e pouco lítico, não datada. Uma das características do sítio é que a cerâmica quebrou no próprio local do uso, sem haver dispersão, pisoteio e erosão. Para formar as estruturas de cocção eram usados grandes artefatos líticos, lascados dentro da habitação. Na casa 5 permaneceram muitos restos alimentares aderidos ao interior das vasilhas ou formando bolotas no meio de fragmentos cerâmicos agrupados. A constatação pode estar ligada a um abandono rápido, sem mesmo recolher os alimentos em preparação ou prontos para consumo.

As outras casas não estão datadas, mas existe razoável suposição de que tenham sido ocupadas no mesmo período. Nelas se percebem ocupações ocasionais, sucessivas, menos densas, com cerâmica e artefatos líticos parecidos.

Na casa 1 se documentou uma larga e profunda cova, que parte da superfície e atravessa todas as camadas anteriores; no corpo dela se observam dois aglomerados de carvão cobertos por saibro vermelho, que imitam as covas de cremação ou deposição de cinza de cremados do sítio SC-CL-46, aterro 3.

Olhando o espaço externo às casas observam-se estruturas de fogo de dimensões diferenciadas: entre a casa 5 e a casa geminada 3-4 se registraram pequenas estruturas de fogo com alguma cerâmica nos cortes 2 e 3 de 2017, e uma estrutura grande, com abundância de restos cerâmicos na soma do corte 3 de 2015 com os cortes de 1 A-E de 2017. É uma verdadeira cozinha ao ar livre. Os cortes voltados para o mato (1 e 2 de 2015) contêm um mínimo de cerâmica. O conjunto proporciona a imagem de uma verdadeira aldeia, da primeira metade do século XVII, composta por uma casa maior (5) e uma casa geminada (3-4) com ocupação densa; uma casa geminada (1-2) e uma casa pequena (6), com ocupações menores, que pode ser considerado o assentamento de um grupo indígena com as famílias de uma liderança.

O sítio SC-CL-50 está a menos de 100 m, sobre a mesma ondulação. De um conjunto de 5 casas, foram estudadas as ocupações ceramistas da casa 3 e da casa 5, não se conhecendo o conteúdo das outras. Cada uma das habitações estudadas comportaria uma família extensa. Como no sítio anterior, a cerâmica é abundante, mas está um pouco mais dispersa e erodida. Não se conhece o espaço entre as casas.

A mobilidade residencial tornou-se pequena como demonstra a abundância da cerâmica, seu tamanho e capacidade, embora o ambiente devesse continuar rico, mesmo com o aumento populacional. Também em Urubici, no alto vale do rio Canoas, Rohr (1971) e Corteletti (2012) observaram a mesma intensificação do povoamento. Pensando em razões para a nova estabilidade, os cultivos merecem a primeira consideração. Corteletti identificou fitólitos e amidos de algumas plantas. Nossas amostras ainda estão em processamento. Com isto o abastecimento já não se basearia só na caça e na coleta, ou no manejo florestal, mas teria alguma contribuição de plantas cultivadas. Também pode ter havido razões de segurança, primeiro frente ao avanço do agricultor Guarani que, no último século, fora subindo pelos vales florestados da encosta do planalto; logo do colonizador português transitando pelo planalto na captura de índios para o mercado de escravos.

O ambiente, ao tempo do abandono dos sítios pode ser assim representado: em 1629 se instala uma fazenda paulista nos Campos de Lages (painel na rodoviária de Lages), que passaria a ser lugar de parada para as grandes bandeiras e os pequenos bandos que, entre 1635 e 1641, por ali passaram a caminho das reduções de Guaranis que os jesuítas acabavam de implantar no Rio Grande do Sul. Em parte os bandeirantes eram os mesmos que, em anos imediatamente anteriores, tinham aniquilado as reduções do Guairá, levando milhares de escravos para São Paulo. Agora seu objetivo era cativar as dezenas de milhares de guaranis das missões do Sul, mas os índios do caminho, Ibirajaras (senhores do porrete-espada = xokleng [?]) também se tornaram suas presas (Porto, 1954; Araujo, 1990).

Entre outras bandeiras, foram as de Luis Leite e Fernão de Camargo com 200 portugueses e mamelucos e um milhar de índios tupi, em 1635; a de Antônio Raposo Tavares com 200 portugueses e mamelucos e 1.500 tupis, em 1636; a de Francisco Bueno com uns 300 portugueses e mamelucos e os correspondentes tupis, em 1637; a de Fernão Dias Paes Leme com 100 portugueses e mamelucos e 2.000 tupis, em 1638; a de Jerônimo Pedroso e Manuel Pires com 400 portugueses, 600 mamelucos e negros e mais 4.000 tupis, em 1640. Com a derrota destes pelos guaranis das reduções, em março de 1641, terminaram as grandes bandeiras de escravização de índios do Sul, mas as reduções também estavam despovoadas.

A ida e a volta das bandeiras se davam, de preferência, no fim do verão e no outono, quando o pinhão maduro ajudava na alimentação das grandes tropas e de seus milhares de cativos. Nenhum mato ficaria sem perscrutar em busca dessas sementes e dos índios que neles sobrevivessem. Talvez por isso no mapa etnográfico de Nimuendaju (1944) o espaço é considerado vazio.

Dentro deste ambiente pode ser considerada a concentração das casas dos sítios SC-CL-51 e SC-CL-50 no começo do século XVII, o abandono de moradias sem recolher o alimento preparado e a deposição das cinzas da cremação do(s) último(s) morto(s) na casa 1. Mas é desconhecido o que sucedeu aos moradores: se foram cativados pelos bandeirantes ou conseguiram fugir para os matos da encosta.

10. Considerações finais:

Partindo da cronologia e da identificação étnica oferecidas pelos linguistas (especialmente Wiesemann, 1972, e Greg Urban, 1992) e tomando como base o levantamento arqueológico feito por Maria José Reis (2007 [1980]), o projeto se tinha proposto construir uma história arqueológica do grupo indígena do Planalto Catarinense, como teste para as proposições linguísticas. Três lugares do município foram, então, escolhidos para essa construção: Boa Parada, junto à sede municipal; Rincão dos Albinos, 15 quilômetros em direção norte; Santo Antônio dos Pinhos, 19 quilômetros em direção oeste. Em cada um deles foi estudado o ambiente, foram feitas sondagens e pequenas escavações e o material foi adequadamente datado por C¹⁴. As datas foram comparadas com as datas e projeções da evolução do ambiente no planalto, fornecidas por palinólogos, com o fim de criar uma história da co-evolução do ambiente e da cultura locais.

O sítio datado do sétimo século a.C., na Boa Parada, por enquanto único e isolado na área, apresentava a feição de um acampamento passageiro a céu aberto, com algumas estruturas de fogo, sem casas subterrâneas, montículos e cerâmica. O ambiente do período seria de campos com pouquíssima araucária e muitas queimadas. A proposta formulada para a ocupação humana foi de pequenos grupos, de mobilidade residencial irrestrita, vivendo da caça e da coleta.

Os séculos VI ao X d.C. são representados por um sítio de 107 casas, no Rincão dos Albinos, que se mostra como um lugar de acampamentos repetidos em pequenas

casas subterrâneas, acompanhadas de alguns montículos funerários e ainda sem cerâmica. O ambiente do período seria de campos em que se vão formando isolados bosques de araucária, diminuindo no mesmo ritmo as queimadas. A proposta de ocupação humana continua sendo de pequenos grupos vivendo da caça e da coleta, com grande mobilidade residencial, só cortada por uma parada longa, no outono, para colher as sementes de um isolado bosque de araucária.

Do século XI ao século XVI d.C. surgiram diversos sítios na Boa Parada e em Santo Antônio dos Pinhos, com casas subterrâneas maiores, grandes aterros-plataforma e estruturas anelares e produção cerâmica em crescimento. O ambiente do período seria de expansão geral da araucária em sucessivas ondas e o quase desaparecimento das queimadas dos campos. Nos terrenos florestados da encosta do planalto e do litoral paralelamente se expandiam, com rapidez, as aldeias agrícolas de etnia guarani, mas sem atingir maiores altitudes. A proposta de ocupação humana no planalto, região da pesquisa, é de bastante estabilidade residencial baseada em manejo florestal e progressiva incorporação de cultivos tropicais, talvez por influência da vizinha população guarani.

Nos séculos XI e XII as casas são grandes, permitindo a convivência de todo o grupo debaixo do mesmo teto e uma só casa constituindo o assentamento; a partir do século XIV as grandes estruturas são substituídas por casas geminadas menores e casas pequenas, cuja reunião agora forma o assentamento ou aldeia.

Nas casas grandes a cerâmica ainda é pouca ou ausente; ela aumenta, em quantidade e tamanho, ao longo dos séculos e se torna abundante só no período final em que, provavelmente, ela seria necessária para cozinhar os novos produtos agrícolas. Grupos que vivem da caça e da coleta, por causa de sua irrestrita mobilidade residencial, têm pouca utilidade para cerâmica, que é substituída por recipientes de couro, cabaças e cestos. É o que se pensa ter valido também para os moradores do planalto de Santa Catarina nos dois primeiros períodos acima indicados. A cerâmica que passa a ser produzida é da tradição Itararé, pequena, de paredes finas e consistentes, provavelmente produzidas por sobreposição de placas de argila com tempero de areia, decomposição do basalto. Há poucas vasilhas de superfícies incisais; um número um pouco maior de vasilhas com impressão de cestos, fabricados com a técnica do costurado horizontal ou vertical, técnica também usada em outros grupos indígenas do Planalto e do Chaco. O estudo sistemático dessas impressões pode transformar-se na chave para conhecer os desaparecidos trançados do grupo. Na tradição Taquara essas impressões são mais comuns, podendo alcançar 40 ou 50% da totalidade do vasilhame.

Outro elemento caracterizador do povoamento são os aterros funerários nos quais se cremavam os mortos ou se depositavam as cinzas resultantes. No planalto mais ao sul, onde predomina a tradição cerâmica Taquara, os mortos não eram cremados, mas enterrados junto às casas, ou depositados em abrigos rochosos próximos às aldeias.

Com a instalação de uma fazenda paulista nesse planalto, seguida de intenso tráfico humano, no começo do século XVII, as casas subterrâneas deixaram de ser construídas.

O projeto não consegue produzir uma ligação direta, testemunhal, entre os remanescentes arqueológicos e os índios históricos, mas o conjunto dos elementos indica fortemente na direção do Xokleng. É baseado nesta suposição que podemos ler a sequência acima como parte da história desses índios.

A quantidade de sítios e a boa conservação de seu material permitiu construir este arcabouço, que serve tanto para enriquecer como para testar a narrativa dos linguistas sobre a origem e desenvolvimento dos grupos Jê do Planalto Meridional do Brasil.

Agradecimentos: À Universidade do Vale do Rio dos Sinos que garantiu a execução do projeto. Ao CNPq pelas bolsas de produtividade e de iniciação. Aos

proprietários dos terrenos em que se encontram os sítios pesquisados. À Paroquia de São Pedro que, durante estes anos, deu abrigo aos pesquisadores. À população de São José do Cerrito, especialmente à família de Gilney e Luciane Marian pela simpática recepção dos pesquisadores durante estes nove anos.

Referências

- ARAUJO, R.V. 1990. *Os Jesuítas dos 7 Povos*. Canoas, RS: Tipografia e Editora La Salle
- BAUERMANN, S.G.; BEHLING, H. 2009. Dinâmica paleovegetacional da Floresta com Araucária a partir do final do Pleistoceno: o que mostra a palinologia. In: Fonseca, C.R.; Souza, A.F.; Leal-Zanchet, A.M.; Dutra, T.; Backes, A. & Ganado, G. (eds). *Floresta com Araucária. Ecologia, conservação e desenvolvimento sustentável*. Ribeirão Preto. Holos Editora, p. 35-38.
- BEBER, M.V. 2013. Sítios arqueológicos do Município de São José do Cerrito, SC. Um panorama. *Pesquisas, Antropologia* 70: 43-64.
- CHMYZ, I. & SAUNER, Z.C. 1971. Nota sobre as pesquisas arqueológicas no vale do rio Piquiri. *Dédalo. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 13: 7-36.
- COPÉ, S.M. 2006. *Les grands constructeurs précoloniaux du plateau du sud du Brésil: étude de paysages archéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil*. (Tese de Doutorado). Paris, Université Paris I, Panthéon, Sorbonne.
- CORTELETTI, R. 2012. *Projeto arqueológico Alto Canoas – PARACA: um estudo da presença Jê no planalto catarinense*. (Tese de Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.
- FARIAS, D.S.E de; SCHMITZ, P.I. 2013. *Linguagem, dispersão e diversidade das Populações Macro-Jê no Brasil Meridional durante a Pré-História Brasileira*. Palhoça, Ed. UNISUL.
- IRIARTE, J.; BEHLING, H. 2007. The expansion of Araucaria Forest in the Southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications for the development of the Taquara/Itararé Tradition. *Environment Archaeology* 12(2): 115-127.
- MERGEN, N.M. 2016. *Complexidade na arqueologia do Jê Meridional. A contribuição de São José do Cerrito*. (Dissertação de Mestrado). São Leopoldo, UNISINOS.
- NIMUENDAJU, C. 1944. *Mapa etnohistórico do Brasil e regiões adjacentes* adaptado de Curt Nimuendaju. IBGE.
- NOVASCO, R.V. 2013. *As casas subterrâneas e sua paisagem: cartografando o ambiente*. (Dissertação de Mestrado). São Leopoldo, UNISINOS.
- NOVASCO, R.V.; SCHMITZ, P.I. 2011. Arqueologia no planalto: o uso do SIG na aplicação de análises espaciais dos sítios arqueológicos da localidade Boa Parada, Município de São José do Cerrito, SC. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP* 21: 167-183.
- NOVASCO, R.V.; SCHMITZ, P.I. 2016. Estratégias de assentamento: uma análise sobre o sítio arqueológico Rincão dos Albinos, Planalto de Santa Catarina - Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP* 27: 213-225.
- PORTO, A. 1954. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Porto Alegre, Livraria Selbach.
- REIS, M.J. [1980] 2007. *Problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. Erechim, Habilis.
- RIBEIRO, B.G. 1986. A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida. In: RIBEIRO, B.G. (coord.). *Suma Etnológica Brasileira. Tecnologia Indígena*. Vozes, FINEP, p. 283-321.
- ROHR, J.A. 1971. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense, Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 24: 1-56.
- SCHMITZ, P.I. (coord.) 2014. *As casas subterrâneas de São José do Cerrito*. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas.
- SCHMITZ, P.I. 2016. A arqueologia do Jê Meridional, uma longa aventura intelectual. *Cadernos do CEOM* 29: 7-32.
- SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H. 2011. 107 'casas subterrâneas' no início do povoamento Jê Meridional em Santa Catarina: Rincão dos Albinos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP* 21: 185-204.

SCHMITZ, P.I.; ARNT, F.V.; BEBER, M.V.; ROSA, A.O. & ROGGE, J.H. 2009. Taió, no vale do rio Itajaí, SC. O encontro de antigos caçadores com as casas subterrâneas. *Pesquisas, Antropologia* 67: 185-320.

SCHMITZ, P.I.; ARNT, F.V.; BEBER, M.V.; ROSA, A.O.; FARIAS, D.F de. 2010. Casas subterrâneas no planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito. *Pesquisas, Antropologia* 68: 7-78.

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; NOVASCO, R.V.; MERGEN, N.M.; FERRASSO, S. 2013 a. Rincão dos Albinos, um grande sítio Jê Meridional. *Pesquisas, Antropologia* 70: 65-131.

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; NOVASCO, R.V.; MERGEN, N.M.; FERRASSO, S. 2013b. Boa Parada, um lugar de casas subterrâneas, aterros-plataforma e 'danceiro'. *Pesquisas, Antropologia* 70: 133-195.

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; NOVASCO, R.V.; FERRASSO, S.; PERONDI, V.; MERGEN, N.M. 2016 a. De volta à Boa Parada, lugar de casas subterrâneas, aterros-plataforma e 'danceiro'. *Pesquisas, Antropologia* 72: 7-62.

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; NOVASCO, R.V.; BEBER, M.V.; FERRASSO, S.; MERGEN, N.M. 2016b. Santo Antônio dos Pinhos em São José do Cerrito, SC, um teste para a Boa Parada. *Pesquisas, Antropologia* 72: 63-98.

SCHWAMBACH, R.N. 2016. *Os sítios arqueológicos de São José do Cerrito/SC: a formação de uma paisagem ecológico-cultural*. (Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Biológicas). São Leopoldo, UNISINOS.

URBAN, G. 1992. A história da cultura brasileira Segundo as línguas indígenas. In: Cunha, M.C. da. *História dos Índios do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, p. 87-102.

WIESEMANN, U. 1972. Os dialetos da língua Kaingang e Xokleng. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. III, Rio de Janeiro.



Figura 31. 'Pinhas' com sementes de *Araucaria angustifolia*.

<http://usinadacultura.com/index.php/colunistas/telmo-focht/item/1607-o-pinh%C3%A3o,-uma-nutritiva-e-deliciosa-semente-por-telmo-focht.html>



Figura 32. Araticum azedo (*Rollinia rugulosa*).



33. Guabiroba (*Campomanesia guaviroba*)



Figura 34. Chal-chal (*Allopylus edulis*).



Figura 35. Uvalha (*Eugenia pyriformis*)¹



Figura 36. Framboesa do mato (*Rubus sellowii*)



Figura 37. Urtiga braba (*Urtica baccifera*)



Figura 38. Goiaba serrana (*Acca selowiana*)



Figura 39. Araçá (*Psidium cattleianum*)²

1 <http://ciclovivo.com.br/canal/desenvolvimento/>